

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

João Victor Camara

**“VOLTO DE NOVO A OCCUPAR ESTAS COLUMNAS”: REPOSICIONAMENTO  
POLÍTICO DO JORNAL *O PATRIOTA* NO ALVORECER DA REPÚBLICA (1889)**

Porto Alegre  
2015

João Victor Camara

**“VOLTO DE NOVO A OCCUPAR ESTAS COLUMNAS”: REPOSICIONAMENTO  
POLÍTICO DO JORNAL *O PATRIOTA* NO ALVORECER DA REPÚBLICA (1889)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do título de  
licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Luíz Alberto Grijó

Porto Alegre  
2015

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente aos meus pais pelo carinho, dedicação e por me proporcionarem uma educação de qualidade. Sempre estiveram ao meu lado apoiando minhas decisões e me incentivando nos momentos difíceis. Ao meu irmão, pelo companheirismo e amizade ao longo de minha vida pessoal e acadêmica. Vocês são parte fundamental dessa trajetória.

Gostaria de fazer um agradecimento especial à minha companheira Camila. As experiências que compartilhamos ao longo dos últimos anos tornaram esse período de minha vida muito especial. Agradeço também aos amigos queridos que estiveram ao meu lado durante essa jornada.

À UFRGS e aos professores e professoras do departamento de História e da Faculdade de Educação pelo conhecimento adquirido. Agradeço especialmente a professora Carla Meinerz, pelos ensinamentos e principalmente pelo exemplo de profissionalismo. Ao meu orientador, Luiz Alberto Grijó, por aceitar fazer parte desse trabalho e por suas orientações, disponibilidade e paciência.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de reposicionamento do jornal *O Patriota*, redigido e publicado na cidade de Porto Alegre no ano de 1889. O jornal foi dirigido por membros do Partido Conservador que, após a instauração do regime republicano no Brasil, aderiram ao novo governo. Dentro desse processo de adesão, o antigo órgão oficial dos monarquistas conservadores intitulado *O Conservador* passou a se chamar *O Patriota*. Assim, essa pesquisa pretende efetuar um estudo de caso acerca desse processo de reposicionamento em um período de transição entre regimes distintos. Para isso, foram analisadas as especificidades da imprensa daquele período, bem como a conjuntura política da época. Além disso, foi realizada uma breve análise das trajetórias políticas dos principais dirigentes do periódico. A análise qualitativa dos editoriais do jornal publicados entre novembro e dezembro de 1889 busca compreender de que maneira o processo de adesão ao regime republicano foi expresso nas páginas do periódico. Através dessa pesquisa foi possível concluir que o processo de criação do jornal esteve diretamente vinculado a um outro processo de reposicionamento político envolvendo dirigentes do Partido Conservador de Porto Alegre.

Palavras-chave: O Patriota. Primeira república. Imprensa sul rio-grandense. Reposicionamento político.

## ABSTRACT

This paper aims to analyze the process of political repositioning by the newspaper entitled *O Patriota*, written and published in the city of Porto Alegre in the year of 1889. The newspaper was directed by members of the Conservative Party (monarchist) that joined the republican government after the establishment of the Republic in Brazil. After this process, the official conservative press organ, *O Conservador* was renamed to *O Patriota*. This research intends to make a case study about this repositioning process. For this, the specifications of the late nineteen press will be analyzed, as well as the political conjuncture of that period. Besides, a brief study of the newspaper leaders political trajectory will be made. The analysis of the editorials published between November and December of 1889 long for understand how this process of political repositioning was expressed in the pages of the newspaper.

Keywords: O Patriota. First republic. Press of Rio Grande do Sul. Political repositioning.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2 O RIO GRANDE DO SUL E A IMPRENSA NO ALVORECER DA REPÚBLICA .....</b>	<b>16</b>
2.1 IMPRENSA PARTIDÁRIA SUL RIO-GRANDENSE: O CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DO JORNAL <i>O PATRIOTA</i> .....	18
2.2 OS PATRIOTAS: PERFIL DOS DIRIGENTES DO JORNAL E SUAS ATUAÇÕES NA POLÍTICA DA PROVÍNCIA.....	26
<b>3 O PATRIOTA ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA .....</b>	<b>32</b>
3.1 A DEFESA DA REPÚBLICA: ANÁLISE DE EDITORIAIS PUBLICADOS ENTRE NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1889.....	32
3.2 A CAMPANHA DE ADESÃO AO REGIME REPUBLICANO NAS PÁGINAS DO JORNAL <i>O PATRIOTA</i> .....	41
3.2.1 A campanha de adesão a partir dos “telegrammas” e “telegrammas officiaes” .....	42
3.2.2 A adesão dos monarquistas nas páginas do jornal <i>O Patriota</i> .....	45
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O processo de instauração de um regime republicano no Brasil gerou implicações em diversas regiões do país. O período que abrangeu os primeiros anos da república foi marcado por rupturas políticas significativas. Enquanto uma parcela da elite política vinculada aos antigos partidos monarquistas foi gradualmente afastada do poder, grupos antes minoritários, como os republicanos, tiveram a oportunidade de ocupar cargos e funções antes restritas aos monarquistas. Essa nova configuração política suscitou mobilizações, manifestos e discursos públicos, perseguições e em alguns lugares, como no Rio Grande do Sul, o uso da violência e da coerção como instrumento de afirmação política. O alvorecer da república na província meridional foi marcado pela oposição entre grupos dirigentes com projetos políticos antagônicos, mas que por diversas vezes utilizaram de instrumentos e ferramentas semelhantes para atingir os seus objetivos. O presente trabalho insere-se nesse contexto histórico: os primeiros meses do regime republicano no Rio Grande do Sul.

A imprensa desempenhou um papel fundamental no final do século XIX, principalmente como instrumento de disseminação ideológica por parte dos principais grupos políticos do estado. Nesse sentido, durante o período de transição política e de reorganização nas dinâmicas político-institucionais da província, foi intensa a participação dos jornais nos debates acerca dos rumos que a província deveria tomar e quais seriam os melhores projetos de governo. Essa pesquisa trata justamente da ação dos periódicos naquele período, partindo do pressuposto de que a imprensa não tinha como função apenas noticiar e informar, mas também interferir junto àquela sociedade. Assim, tem como objeto central de análise o jornal *O Patriota*, impresso na cidade de Porto Alegre a partir de 20 de novembro de 1889.

Nessa introdução, são apresentados os objetivos e as justificativas da pesquisa, bem como uma discussão teórica e metodológica acerca da incorporação de um jornal como fonte histórica. Já no segundo capítulo, apresenta-se o contexto histórico da produção do jornal *O Patriota*, a partir de uma reflexão acerca das especificidades da imprensa naquele período, principalmente no que tange à relação próxima envolvendo partidos políticos e veículos de comunicação. Assim, busca-se refletir acerca do papel exercido pelos jornais na sociedade sul-rio-grandense na virada do século. Dentro dessa perspectiva, também no segundo capítulo são apresentados os perfis dos dirigentes do jornal estudado assim como as suas respectivas inserções na política e sociedade da época. No terceiro capítulo, por sua vez, é feita uma análise de artigos e manifestos políticos publicados nas edições do jornal dos meses de novembro e dezembro de 1889, com o objetivo de compreender como o processo de reposicionamento político do periódico e de seus líderes foi expresso nas páginas do jornal. Além disso, também é feita uma análise da cobertura da campanha de adesão ao regime

republicano. Dessa maneira, verifica-se como se deu a atuação do jornal naquele período de transição entre regimes de natureza políticas distintas. Como conclusões, percebe-se que a fundação do novo jornal está relacionada ao reposicionamento político dos dirigentes do Partido Conservador de Porto Alegre e dos seus anseios de intervir junto àquela sociedade e participar de maneira ativa nos debates vigentes no momento de transição entre o regime monárquico e republicano.

Assinala-se que a apropriação da imprensa como fonte histórica e a sua incorporação como objeto intelectual de investigação são práticas cada vez mais recorrentes na produção historiográfica. Nesse sentido, é possível afirmar que essa pesquisa está inserida em um campo de estudos que cresceu muito nas últimas décadas. Desde a sua introdução no Brasil ainda sob o domínio português, até a primeira metade do século XX, os jornais impressos foram os principais veículos de circulação de notícias e ideias. Durante esse longo período, os periódicos e seus responsáveis não ocuparam apenas a função de noticiar os acontecimentos. Estudos pioneiros nesse campo convergem no sentido de entender a imprensa como um instrumento de agência histórica. Ou seja, como capaz de intervir dentro de determinada sociedade através da apropriação de veículos de comunicação. Dessa maneira, esse trabalho visa contribuir com outras produções científicas que também consideram fundamental o estudo da imprensa para a escrita da história. Afinal,

No caso brasileiro, a exemplo da maioria dos locais onde se desenvolveu, ao atuar na orientação, formação e/ou manipulação da opinião pública, o jornalismo, ao longo de suas diversas etapas de evolução, transformou-se em verdadeiro elemento constitutivo da sociedade e refletiu, através das páginas dos jornais, os diferentes momentos históricos do Estado Nacional Brasileiro, bem como influenciou direta/indiretamente em cada um deles.<sup>1</sup>

Nesse sentido, parte-se da premissa de que a imprensa deve ser pensada “não como um nível isolado da realidade social na qual se insere, mas que ela representa, fundamentalmente, um instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social”<sup>2</sup>. No que tange ao contexto histórico do Rio Grande do Sul no final do século XIX, é possível afirmar que essa intervenção por parte da imprensa na vida social e política se fazia com um alto grau de intensidade, tendo em vista o alinhamento político desempenhado por diversos periódicos sul-rio-grandenses em circulação naquele período. Dessa maneira, sublinha-se que “o debate político-partidário existente nas páginas dos jornais sul-rio-

---

1 ALVES, Francisco das Neves. **O Discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)**. 1998. 171. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, p. 8.

2 CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Populismo na Imprensa: UH e NP**. In: MELO, José Marques de (coord.) **Populismo e Comunicação**. São Paulo: Editora Cortez, 1981. p.118.

grandenses coloca o jornalismo local em destaque na comparação com o do restante do país.”<sup>3</sup> Entender como foram constituídas essas estreitas relações entre imprensa e grupos políticos e a maneira pelas quais os jornais deixaram transparecer em suas páginas as inclinações político-partidárias é uma tarefa fundamental para a pesquisa histórica desse período, tendo em vista a potencialidade desses meios de comunicação para servirem como fontes para a produção historiográfica. No entanto, a tarefa de se trabalhar com a atuação de apenas um jornal em um contexto de agitação política e ideológica deve ser desempenhada com alguns cuidados por parte do historiador, na medida em que esse tipo de fonte consiste um testemunho de uma transição política. Acerca do trabalho com testemunhos, a historiadora Emília Viotti da Costa aponta:

Uma das tarefas mais difíceis do ofício de historiador é a crítica dos testemunhos. Ao descrever o momento que estão vivendo, os homens traçam frequentemente uma imagem superficial e deformada dos fatos. O grau de comprometimento do observador, a qualidade e a quantidade das informações de que dispõe sua maior ou menor capacidade de análise, a maneira pela qual se deixa empolgar por paixões e sentimentos refletem-se no seu depoimento.<sup>4</sup>

Pesquisadores de diversas áreas do conhecimento já se apropriaram da imprensa sul-rio-grandense do final do século XIX como fonte. Dentro do campo da História, é relevante citar dois trabalhos que, assim como esse estudo, utilizaram jornais porto-alegrenses do mesmo período como objetos de pesquisa. O primeiro, de Anderson Zalewski Vargas, intitulado *Porto Alegre, início do século XX: imprensa, “ânsia de civilização” e menores de rua* e o segundo, de Cláudia Mauch intitulado *Ordem Pública e Moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890*. Em suas pesquisas, os autores estabelecem uma importante discussão acerca da metodologia necessária para se trabalhar com esses periódicos, principalmente no que tange às especificidades dos jornais produzidos no Rio Grande do Sul naquele período. Assim, a leitura dos seus trabalhos torna-se fundamental para o pesquisador que está iniciando sua pesquisa com uma base documental semelhante, ainda que seus objetivos sejam distintos aos dos autores. No seu trabalho, Vargas trabalhou com o jornal *O Independente*, que circulou em Porto Alegre no início do século XX. No entanto, algumas características do jornalismo daquele período se assemelham ao jornalismo do final do século XIX. Nesse sentido, o autor afirma que:

---

3 HOHLFELD, Antonio. **A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre: PUCRS. p. 10.

4 COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. p. 385.

É tentador considerar a imprensa como simples “instrumento de informação”. Ela, entretanto, nunca foi isso apenas, e o foi menos ainda no início do século passado, quando os jornais, tal como os do século XIX, pretendiam desempenhar um papel ativo nos acontecimentos. Concebiam-se como agentes sociais e lutavam para ser reconhecidos como tais através de matérias antes de caráter opinativo que noticioso.<sup>5</sup>

Vargas atenta em sua pesquisa para o papel desempenhado pela imprensa naquele período. Nesse sentido, afirma que tratar um jornal somente como um “instrumento de informação” é inviável, na medida em que no final do século XIX e início do XX os meios de comunicação tinham como pretensão interferir ativamente na sociedade, atuando principalmente na formação da opinião pública. Essa pretensão por parte dos periódicos era expressa através de textos jornalísticos tendenciosos. Além disso, Vargas aponta para uma característica importante acerca do ofício do jornalista naquele período. Para ele, os jornalistas do periódico *O Independente* podem ser classificados como “espíritos de eleição”, isto é, homens que combinavam as suas profissões de formação com a atividade intelectual e jornalística, não exercendo o jornalismo de maneira profissional. Nesse sentido, é importante esclarecer que naquele período não existia uma concepção definida acerca do que significava ser um jornalista. Como aponta Vargas, muitas pessoas envolvidas em atividades da imprensa não se viam como jornalistas, e também não tinham no jornalismo a base de suas carreiras profissionais. Assim, quando o “ofício de jornalista” for citado nesse trabalho, é preciso ter em mente que este termo se refere apenas à atividade dentro de um jornal, e não a uma profissão reconhecida como tal no período estudado.

A historiadora Cláudia Mauch utiliza dois jornais impressos na capital durante a década de 1890: *Gazeta da Tarde* e *Gazetinha*. Sua pesquisa tem como intenção compreender as relações entre a polícia e a sociedade no início do século em Porto Alegre. Seu trabalho, diferente do estudo de Vargas, não utiliza os jornais como objetos centrais da pesquisa. Entretanto, tendo em vista que uma parte de sua pesquisa estaria fundamentada na análise de periódicos e de como as relações de ordem pública e moralidade estavam expressas naqueles veículos, a autora também realiza uma discussão teórica e metodológica importante para os propósitos desse trabalho. Dessa forma, Mauch aponta para os desafios de se trabalhar com objetos da imprensa daquele período:

Trabalhar com os textos jornalísticos da década de 1890 significa trabalhar com as representações sobre a sociedade vigentes na época. Parte-se do pressuposto de que as representações do mundo social são elas mesmas constituintes da realidade social.

---

5 VARGAS, Anderson Zlewski. **Porto Alegre, início do século XX: imprensa, “ânsia de civilização” e menores de rua**. In: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto; NEUMANN, Eduardo Santos (org.). **Capítulos da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 250.

Assim, as notícias como fonte histórica por um lado expressam como os contemporâneos interpretavam alguns fatos e práticas da época e, por outro, como eles pretendiam interferir na sociedade construindo e reelaborando imagens.<sup>6</sup>

A autora argumenta que um texto jornalístico ou uma edição de um jornal constituem representações de determinada sociedade. No entanto, essas representações não correspondem aos anseios do coletivo, mas de um fragmento daquela sociedade. Assim, ao trabalhar com textos impressos nos dois jornais supracitados, Mauch estava analisando apenas uma interpretação possível de determinado acontecimento. Dentro dessa perspectiva, um pesquisador deve sempre entender a sua fonte jornalística como um testemunho acerca do seu tempo produzido por um grupo de sujeitos determinados, e não como uma representação verídica e incontestável daquela sociedade. Ressalta-se também os apontamentos da autora em relação à pretensão dos jornalistas de interferir junto àquela sociedade. Nesse sentido, as argumentações dos dois autores convergem na medida em que Mauch e Vargas afirmam que os sujeitos que atuavam na função de jornalistas daquele período pretendiam exercer um papel de interferência nos acontecimentos de seu tempo, principalmente através da publicação de artigos e manifestos políticos.

Uma característica essencial do presente trabalho é tomar um único jornal como o objeto central da pesquisa, e não apenas como fonte de informações para se compreender determinado período e/ou acontecimento. Assim, pretende-se analisar o reposicionamento político do periódico *O Patriota* no período de transição política entre os regimes monarquista e republicano, especificamente, nos primeiros meses após a instauração da República no Brasil. Assim sendo, pretende-se realizar uma análise qualitativa referente à adesão do jornal *O Patriota* ao regime republicano, com ênfase para os editoriais publicados entre novembro e dezembro de 1889 e a cobertura que o jornal realizou acerca da campanha de adesão por parte dos municípios do estado.

A presente pesquisa também busca introduzir na historiografia acerca dessa temática uma fonte pouco explorada até o momento: o jornal *O Patriota*. Tendo em vista a relação de proximidade existente entre os partidos políticos daquele período e os jornais, muitos historiadores se apropriaram deste tipo de documentação para fundamentarem suas pesquisas. No entanto, grande parte da historiografia local explorou exaustivamente os periódicos “oficiais” dos principais partidos do Rio Grande do Sul daquele período. Dentro dessa categoria, encontram-se os jornais *A Reforma* e *A Federação*, que pertenciam respectivamente ao Partido Liberal – liderados por Gaspar Silveira Martins – e ao Partido Republicano Rio-grandense, liderados por Júlio de Castilhos. Entende-se a importância que esses periódicos possuem para a produção científica acerca desse período, no entanto, com o propósito de

---

6 MAUCH, Cláudia. **Ordem pública e moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz: Edunisc/ Anpuh – RS, 2004, p.61.

realizar uma nova contribuição para esse campo, optou-se por trabalhar com uma fonte até então pouco explorada e que diz respeito à ação de outros agentes históricos, os membros do Partido Conservador.

Dessa forma, tem-se a imprensa – mais precisamente um jornal – como objeto principal da pesquisa. Nesse sentido, o periódico caracteriza-se não apenas como uma fonte primária do ofício do historiador, mas o eixo central da investigação conduzida. Em seu célebre trabalho intitulado *Imprensa e História do Brasil*, a historiadora Maria Helena Capelato atenta para os desafios de se fazer história através do estudo de meios de comunicação. Afirma que a imprensa não apenas registra acontecimentos históricos, mas participa ativamente da história e impõem-se como uma força política.

Manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado, a imprensa possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos. O periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância, já é reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época.<sup>7</sup>

Assim, o jornal pode ser entendido como um instrumento que possibilita indivíduos a influenciarem processos políticos, construir e moldarem imaginários de determinada sociedade e manipularem interesses de acordo com as suas orientações políticas. Capelato descreve tal parte da imprensa como “arma-jornal”, sendo os seus dirigentes responsáveis pelos “alvos” que serão atingidos pelas palavras impressas. O vocabulário bélico utilizada pela autora para descrever a ação dos jornais ao longo da história do Brasil não foi escolhido ao acaso. A análise das edições do jornal *O Patriota* nos permite afirmar que os próprios encarregados de desempenhar o papel de jornalistas naquele período apropriavam-se desse tipo de linguagem. Assim, o editorial do dia vinte de novembro de 1889 iniciava com uma analogia que vinculava a redação do jornal a uma *columna* utilizada por seus responsáveis para defender determinadas ideias em um campo de batalha. Esse posicionamento combativo, que rompe com a perspectiva de que um jornal consiste apenas um meio de informação, é uma das justificativas utilizadas pela autora para a escolha desse tipo de fonte histórica para objeto de análise:

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero “veículo de informações”, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.<sup>8</sup>

---

7 CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988. p. 13.

8 CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lúcia. **O Bravo matutino: Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980. p.19.

Uma das críticas feitas por Maria Rolim Capelato e Maria Lígia Prado no trabalho intitulado *O Bravo Matutino, imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo* está relacionada à utilização de periódicos apenas como fontes confirmadoras de análises. As autoras indagam que as pesquisas históricas utilizaram por muito tempo a imprensa apenas como apoio a outros tipos de fontes documentais. Assim, tomar o jornal como o único objeto de investigação e análise crítica foi uma das grandes contribuições dos estudos supracitados. Ainda referindo-se a importância da pesquisa com os periódicos, é importante citar os trabalhos de Tania Regina de Luca e Ana Luiza Martins intitulado *História da Imprensa no Brasil*. Em relação à construção do conhecimento histórico através da análise dos jornais, as autoras são enfáticas em afirmar que:

A história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional.<sup>9</sup>

Não apenas situar os jornais como agentes históricos e fontes importantes para o ofício do historiador, as autoras também contribuíram para a discussão acerca das questões metodológicas envolvendo o uso de jornais na pesquisa. Procurou-se, dessa forma, estabelecer abordagens para o trabalho empírico com os periódicos. No livro *Imprensa e história do Brasil*, Maria Capelato propõe algumas indagações iniciais a serem feitas pelo historiador.

Acompanhar a trajetória sinuosa dos sujeitos da produção jornalística é tarefa complexa. Para compreender a participação de um jornal na história, o pesquisador faz, de início, algumas indagações: quem são seus proprietários? A quem se dirige? Com que objetivos e quais os recursos utilizados na batalha pela conquista dos corações e mentes?<sup>10</sup>

As indagações apresentadas por Capelato são fundamentais na medida em que o pesquisador que concebe um jornal como seu objeto de pesquisa deve estabelecer uma abordagem crítica em relação à sua fonte. Como foi anteriormente citado, a noção de que os jornais e a imprensa em geral atuavam como mero instrumentos de difusão de notícias e informações de maneira imparcial deve ser excluída da investigação histórica. A expressão “conquista de corações e mentes” utilizada por Capelato em sua escrita foi cunhada por Clóvis Rossi para definir a atividade jornalística. Cabe ao historiador traçar o perfil de seu objeto de estudo, tendo em mente que os periódicos são dirigidos por sujeitos históricos,

9 LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p.8.

10 CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa e história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988. p. 13 e 14.

comprometidos com ideais distintos e imersos nos valores de seu tempo. Nesse sentido, o objetivo do pesquisador é compreender quais foram as maneiras encontradas por esses agentes de transformar (ou ao menos tentar) o seu mundo através das palavras impressas nos jornais.

Vale destacar que o historiador Cláudio Pereira Elmir, em seu trabalho intitulado *Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica*, realiza em conjunto com o seu relato de pesquisa em um jornal uma breve discussão acerca da utilização desse tipo de fonte para a pesquisa histórica. Da mesma maneira que Capelato, o autor propõe uma série de questões à serem levantadas por parte do pesquisador em relação ao jornal utilizado na pesquisa. Para o autor, os cuidados que o historiador deve ter no trato com os jornais se fazem necessários na medida em que os periódicos podem ser considerados documentos traiçoeiros.

Uma questão metodológica que merece especial atenção neste debate sobre a utilização do jornal na pesquisa histórica diz respeito à forma pela qual iremos interpelar essa fonte, ou, dizendo de outra maneira, ao estatuto que ela assume no inquérito que lhe dirigimos. O jornal é um documento traiçoeiro para o historiador.<sup>11</sup>

Em relação à questão metodológica supracitada, o autor afirma que a atitude mais prudente a ser tomada pelo historiador é manter a suspeição em relação ao jornal. O pesquisador deve ter a consciência de que todo jornal se utiliza da retórica como uma ferramenta primordial, e a retórica só existe quando baseada em algum grau de identificação entre aquele que escreve e aquele para quem se escreve. Em outras palavras, os jornais tendem a dizer aquilo que seus leitores desejam. O autor define o público-alvo dos periódicos como “leitores modelo” em contraposição aos historiadores que são “leitores empíricos”. A tarefa do pesquisador, nesse caso, é realizar a leitura empírica de textos que foram escritos para esses “leitores modelo”. Elmir também realiza uma digressão acerca das diferentes maneiras de se tomar o jornal na pesquisa histórica:

O jornal, nesta perspectiva da recepção, pode ser apropriado das mais diversas formas. Quero propor uma breve digressão acerca de duas destas maneiras de ler o jornal para fins de pesquisa. Uma delas, aparentemente mais simples, consiste em tomá-lo (1) como fonte de informação. A segunda delas, aparentemente mais complexa, faz dele (2) o objeto intelectual da pesquisa. Evidentemente, nenhuma das duas exime o pesquisador de realizar a indispensável crítica do documento.<sup>12</sup>

Na perspectiva de Elmir, pode-se dizer que esse trabalho está situado na segunda abordagem por ele proposta: toma o periódico *O Patriota* como o objeto central da pesquisa, e

---

11 ELMIR, Cláudio Pereira. *Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica*. In: Anos 90, Porto Alegre, v.19, n. 36. p.77.

12 Ibidem., p. 78.

não como uma fonte de informação para o estudo do período retratado na pesquisa. Ao afirmar que, independente da abordagem a ser feita pelo pesquisador, é preciso realizar a indispensável crítica ao documento, o autor atenta para a carga subjetiva mantida por toda e qualquer fonte. Nesse sentido, Elmir aponta que a ausência de contextualização funciona como uma espécie de perigoso salvo-conduto emitido pelo investigador. A imprensa, ainda nessa perspectiva, deve ser entendida como uma instituição que produz discursos, e todo discurso pode e deve ser submetido a um juízo crítico. Esses são alguns esforços que cabem ao investigador realizar no decorrer de sua pesquisa a fim de obter um melhor resultado final. Em relação a metodologia que toma o jornal como objeto intelectual da pesquisa, o autor afirma:

Na segunda acepção mencionada, podemos abordar a imprensa e, mais especificamente, o jornal, como objeto intelectual da pesquisa. Nesse caso, ele deixa de ser – segundo aquela visão ingênua a que nos referimos anteriormente – um mero continente de onde se extrai um conteúdo a ser, simplesmente, transposto, de uma narrativa a outra: da narrativa jornalística à narrativa historiográfica.<sup>13</sup>

Ao relatar a sua experiência de pesquisa o autor afirma que é possível combinar as duas abordagens propostas. O pesquisador pode tornar o jornal objeto intelectual da pesquisa e também utilizar o periódico para extrair informações necessárias. Elmir também aponta para a necessidade de se utilizar outras fontes externas ao jornal a fim de confirmar e/ou retificar alguns juízos formulados pelo jornal. Em suma, fazer do jornal o eixo central da pesquisa não exclui necessariamente a leitura de fontes de natureza diversas, desde que o historiador considere essa pesquisa secundária necessária para o trabalho. “Nesse sentido, o recurso a outras fontes – mesmo que subsidiárias – pode ajudar a não procurar (e encontrar) em um texto isolado o sintoma, o exemplo, a representação ou a ilustração da ideia que queremos provar.”<sup>14</sup>

É necessário, antes do próximo capítulo, uma breve apresentação do objeto de pesquisa, o jornal *O Patriota*, cujas principais fontes utilizadas nessa investigação são as publicações entre novembro e dezembro de 1889. O periódico estudado foi intitulado *O Conservador* até o final do ano de 1889, mudando sua nomenclatura após a proclamação da república no Brasil. O primeiro editorial analisado será o do dia 20 de novembro de 1889, que dá o nome ao presente trabalho. Não foi possível estabelecer até quando o periódico foi publicado, no entanto, existem apenas edições de novembro e dezembro de 1889 em acervo. Nessa investigação, foram analisadas dezesseis edições do jornal. Dois fatores influenciaram

---

13 ELMIR, Cláudio Pereira. **Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica**. In: Anos 90, Porto Alegre, v.19, n. 36. p. 80.

14 Ibidem., p. 82.

para a escolha desse número. Primeiro, procurou-se analisar somente as edições publicadas nos dias que sucederam à instauração da República no Brasil, tendo em vista que nas duas primeiras semanas ocorreram os debates mais intensos acerca desse processo e principalmente acerca das adesões ao governo provisório. Nesse sentido, percebe-se, por exemplo, que a partir da metade de dezembro de 1889 a cobertura da campanha de adesão ao novo regime já havia perdido intensidade. O segundo fator está relacionado com a disponibilidade dessa fonte para a pesquisa. Existem poucas edições em bom estado para no Museu de Comunicação do Estado do Rio Grande do Sul. Dessa maneira, o critério de seleção acabou convergindo com as limitações impostas pela disponibilidade dessa fonte. Escrito e impresso na cidade de Porto Alegre, o jornal era publicado diariamente com exceção aos domingos. Em relação ao conteúdo de suas publicações, se assemelhava aos outros periódicos que circulavam no estado do Rio Grande do Sul no mesmo período. Com uma média de duas folhas e quatro páginas por edição, *O Patriota* dividia-se entre os editoriais de cunho político (publicados na primeira página), telegramas e notícias oficiais, publicação de legislação provisória, informes do governo republicano federal e do governador empossado Visconde de Pelotas. Nas páginas finais da publicação constavam notícias e informações sem cunho político e um lugar destinado para a publicidade.

Por fim, sublinha-se que os autores supracitados nessa introdução correspondem aos referenciais teóricos e metodológicos desse trabalho. As contribuições apresentadas acima são fundamentais para guiar essa investigação. Primeiro, porque elas elucidam como os jornais devem ser entendidos pelo historiador, isto é, não como veículos de caráter meramente noticioso, mas como instrumentos de manipulação de interesses e intervenção junto à determinada sociedade. Segundo, porque esclarecem a metodologia necessária para a apropriação do jornal como objeto de pesquisa. Dentro da perspectiva utilizada por esses autores, nas próximas páginas é realizado um estudo acerca da atuação da imprensa no Rio Grande do Sul e também da conjuntura política do estado no século XIX, com a intenção de se tratar um panorama mais amplo do contexto histórico em que o jornal *O Patriota* atuou.

## 2 O RIO GRANDE DO SUL E A IMPRENSA NO ALVORECER DA REPÚBLICA

*“A revolução de 15 de Novembro é um facto consumado; os membros da dynastia abandonaram o paiz, a dectadura acha-se estabelecida de facto e a república está reconhecida neste Estado, como em todos os outros que formam a nova federação. Tentar resistir à nova ordem de cousas, seria um erro que por patriotismo devemos evitar [...] A restauração da monarchia está excluída pela natureza das coisas e pela vontade nacional, manifestada na adhesão que a nova forma de governo tem encontrado em todas as partes do paiz, segundo provam as communicações telegraphicas que estão no conhecimento de todos [...] A policia liberal rio-grandense e seu chefe o conselheiro Silveira Martins, em todos os tempos tiveram por objecto a liberdade em todas suas manifestações e muitas vezes declarou S. Ex., que a fôrma de governo era questão secundária [...] Unamos todas as nossas forças na grande conquista da liberdade e tenhamos todos por principal objectivo o bem estar, o progresso e o desenvolvimento do Estado rio-grandense.”<sup>15</sup>*

No dia 22 de novembro de 1889, o jornal *A Reforma* publicou um editorial dirigido a toda província do Rio Grande do Sul e especialmente aos adeptos do Partido Liberal. Assinado pelos dirigentes do partido Joaquim Pedro Salgado, Joaquim Pedro Soares e Joaquim Antonio Vasques, o manifesto possuía, ao mesmo tempo, caráter adesista e de oposição ao novo regime instaurado no país. A república federativa, para os *gasparistas*, era um fato consumado, e tentar resistir à proclamação do novo governo seria um esforço inútil e antipatriótico. Era necessário, na visão dos liberais, a manutenção da ordem e principalmente a coesão deste grupo político para organização de uma oposição forte ao governo provisório, agora nas mãos dos republicanos. No dia seguinte à publicação do manifesto liberal, a edição de outro jornal impresso na capital da província, *O Patriota*, trazia em sua primeira página a transcrição do manifesto, acompanhada por uma nota de seus editores. Utilizando uma linguagem beligerante, os dirigentes do jornal adesista realizaram uma série de acusações à postura adotada pelos liberais. Não foram poupadas críticas ao líder Gaspar Silveira Martins, atacado principalmente pela sua atuação política durante a vigência da monarquia, sendo acusado de ser um inimigo da República. Por fim, os dirigentes liberais foram qualificados como oportunistas, tendo em vista o conteúdo do manifesto, que não somente conclamava os seguidores do Partido Liberal a aceitarem a instauração do novo regime como enaltecia a nomeação do militar Visconde de Pelotas para o cargo máximo do governo estadual. Nesse sentido, a nota de resposta ao manifesto liberal iniciava da seguinte maneira:

Se essa peça política se limitasse a aceitar o facto consummado, e conciliar os seus antigos corregilionarios a, com maior lealdade, se empenharem na manutenção da ordem publica, não teríamos se não palavras de louvor para aquelles que, comprehendendo o momento solemne que atravessamos, antepõem o interesse da

---

15 *O Patriota*, Porto Alegre, p.1, 23 de nov. 1889.

patria a outra qualquer consideração. Mas o manifesto, ao passo que deffere sua adesão ao principio revolucionario triumphante, - a republica federativa dos Estados do Brazil, - procura coadunar esta situação actual dos manifestantes com a que mantinha o partido liberal nas vespersas da revolução, quando era governo. Não podemos deixar passar isso sem os mais vehementes protestos [...] Ninguém se arma para receber o obsculo da fraternidade. Isso pode prejudicar a sinceridade do movimento.<sup>16</sup>

O relato dessa “troca de farpas” entre os editoriais dos jornais *A Reforma* e *O Patriota* tem como intenção apresentar uma prática corriqueira na imprensa sul-rio-grandense no final do século XIX: o intenso debate político-ideológico. Ao se apropriar de um veículo da imprensa como fonte histórica e incorporá-lo como objeto intelectual de uma pesquisa, o historiador deve fazer uma análise minuciosa da conjuntura histórica de sua produção. Nesse sentido, tão importante como realizar uma discussão teórica e metodológica acerca da utilização de um jornal como fonte para o ofício do historiador, é necessário ir além da análise do objeto de estudo, lançando um olhar crítico também para o seu tempo. Assim, ao realizar a leitura de um editorial, um manifesto ou uma nota dos editores, deve-se estar ciente das motivações por trás de cada publicação de um jornal. Essa reconstrução da conjuntura histórica é de grande relevância para a pesquisa que utiliza como fonte veículos da imprensa, tendo em vista que esses não são imparciais, mas representam os anseios dos sujeitos históricos responsáveis pela sua produção. Afinal,

Nos trabalhos de reconstrução histórica que têm na imprensa a sua fonte e o seu objeto de investigação, o conhecimento do ambiente no qual os periódicos se desenvolveram é fundamental e constitui-se em elemento indissociável do conjunto da pesquisa [...] Neste sentido, a realização de uma contextualização historiográfica, jurídico-legal, político-partidária e das condições intrínsecas locais da evolução do jornalismo, buscando identificá-las com as regionais e as nacionais torna-se um elemento inerente àquele tipo de reconstrução.<sup>17</sup>

O objetivo desse capítulo é realizar uma análise da conjuntura histórica do final do século XIX no Rio Grande do Sul, enfatizando os aspectos políticos do período de transição entre o regime monárquico e republicano. Busca-se também compreender como se deu o surgimento e atuação da imprensa político-partidária nesse contexto. Em um primeiro momento, realiza-se um estudo acerca da configuração dos principais grupos políticos em disputa no estado na segunda metade do século XIX e como esses ficaram organizados a partir da instauração da república em 1889. Na segunda parte desse trabalho empreende-se uma discussão teórica e bibliográfica acerca da historiografia da imprensa nesse período, com

---

16 *O Patriota*, Porto Alegre, p.1, 23 de nov. 1889.

17 ALVES, Francisco das Neves. *O Discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. 1998. 171. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, p. 18.

a finalidade de se compreender melhor o contexto do jornalismo no qual o objeto dessa pesquisa está inserido. Por fim, analisa-se a trajetória dos principais dirigentes do periódico com a intenção de compreender a atuação política dos seus responsáveis.

## 2.1 IMPRENSA PARTIDÁRIA SUL RIO-GRANEDNSE: O CONTEXTO HISTÓRICO DA PRODUÇÃO DO JORNAL “O PATRIOTA”

O final do século XIX foi marcado por grandes conturbações políticas e sociais na província do Rio Grande do Sul. De modo geral, pode-se dizer que os momentos derradeiros do Império e a transição para o regime republicano desencadearam uma série de conflitos em todo o território nacional. Em algumas localidades, os novos grupos dirigentes que ganharam força após a proclamação da república ameaçaram a hegemonia de grupos políticos antes privilegiados pelas estruturas e instituições políticas do Império, resultando em conflitos que por vezes ultrapassaram a fronteira do debate político-ideológico. Dessa forma, pode-se afirmar que a guerra civil desencadeada no Rio Grande do Sul a partir de 1893 foi resultado de um turbulento alvorecer da república. No entanto, apesar de a eclosão da violência em larga escala na região sul ter acontecido somente quatro anos após a proclamação do novo governo, os grupos envolvidos nessa guerra já haviam estabelecido uma acirrada disputa ideológica desde os primeiros momentos do novo regime. Assim, antes de iniciar a análise da historiografia da imprensa sul-rio-grandense no período, é necessário realizar um breve estudo da conjuntura política do estado no final do XIX. Afinal, foi nesse momento de afirmação de um novo grupo dirigente, o Partido Republicano Rio-grandense, e na consolidação dos liberais *gasparistas* como principal grupo de oposição aos republicanos que o jornal *O Patriota* surgiu e atuou.

Na segunda metade do novecentos, os adeptos do Partido Liberal constituíam o principal grupo político na província. Além de ocupar a maioria dos governos municipais, estavam no controle da Guarda Nacional e de importantes postos políticos. De acordo com Loiva Otero Félix, a composição social do Partido Liberal era basicamente formada por estancieiros, isto é, grande proprietários de terra. Os republicanos, por outro lado, constituíam uma minoria representada por diferentes segmentos sociais, que incluía desde setores da classe média urbana até estancieiros, principalmente da região serrana do planalto central. A autora argumenta que essa condição hegemônica do Partido Liberal fez com que o período de transição para o regime republicano no Rio Grande do Sul apresentasse dissonâncias em relação ao mesmo processo em outras localidades do Brasil:

Ao contrário, se no resto do Brasil houve *adesismo* generalizado à causa republicana e aos partidos republicanos que a representavam, no Rio Grande do Sul o Partido Liberal encontrava-se forte e arregimentado, quando foi pego, de surpresa, pelo 15 de novembro. No Rio Grande do Sul, houve *adesismo* à República, não ao PRR.<sup>18</sup>

Apesar de constituir um grupo minoritário na política do estado, os republicanos chegaram ao poder em 1889 estruturados e com um projeto ideológico bem arregimentado pelo seu líder Júlio de Castilhos. Assim, é importante ressaltar que o Partido Republicano Rio-Grandense foi fundado em 1882 na cidade de Porto Alegre e, desde então, acumulou experiência na propaganda ideológica e no debate político. A criação do jornal *A Federação*, em janeiro de 1884, foi um momento de consolidação do partido como grupo de oposição aos Liberais e ao regime monárquico de maneira geral. O órgão oficial do partido foi o principal meio de divulgação do programa de governo defendido pelos republicanos até 1889. Assim, Félix afirma que:

O grupo republicano, minoritário, que se viu de uma hora para outra no poder, veio, já da fase da fundação do partido e da atividade de propaganda, não só estruturado, mas também ideologizado. Acrescentamos a isso que ele tem uma orientação autoritária e ditatorial, embora essa não tenha sido visível na fase de propaganda, e sim após a atuação de Júlio de Castilhos.<sup>19</sup>

A hegemonia dos Liberais na política da província começaria a ruir em 15 de novembro de 1889, quando, no Rio de Janeiro, um golpe militar orquestrado por setores do exército derrubariam o então imperador Dom Pedro II e instaurariam a República no Brasil. Apesar de não terem participação efetiva nesse movimento, os republicanos do Rio Grande do Sul logo encontraram maneiras de se articular junto ao novo governo provisório estabelecido na capital do país para então se apoderarem do aparato estatal. Conforme o cientista político Hélgio Trindade afirma:

Apesar da fragilidade do grupo republicano no Rio Grande do Sul face ao poderoso Partido Liberal, constitui-se um governo provisório local, entregue ao militar Visconde de Pelotas, mas com a presença republicana em postos-chaves na nova administração. A indicação de Castilhos para o cargo de Secretário do Governo Estadual logo se traduziu na expansão do aparato republicano com a criação da Superintendência dos Negócios das Obras Públicas e da Secretaria da Fazenda e, sobretudo, a instituição da Guarda Cívica, futura Brigada Militar, em substituição à antiga Força Policial da Província sob o controle dos liberais.<sup>20</sup>

---

18 FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. p. 64.

19 Idem.

20 TRINDADE, Hélgio. NOLL, Maria Izabel. **Os 170 anos do Parlamento Gaúcho: subsídios para a história do Parlamento Gaúcho**. v.3. Porto Alegre: CORAG, 2005. p. 21.

De orientação autoritária e ditatorial, o programa do Partido Republicano Rio-Grandense logo começaria a ser colocado em prática, e as primeiras ações dos dirigentes republicanos empossados no governo provisório aumentariam as tensões entre liberais e republicanos. Assim, o momento político do Rio Grande do Sul era de bastante instabilidade. Félix aponta para as principais consequências dessa oposição entre Liberais e Republicanos no final do século XIX: o altíssimo número de sucessões de governos estaduais (foram dezoito governadores entre novembro de 1889 e janeiro de 1893) e a guerra civil que ficou conhecida como Revolução Federalista. Esse cenário de instabilidade foi resultado da rápida ascensão do PRR ao poder logo nos primeiros meses a partir da instauração da república. Assim, indaga:

A existência dessa clivagem ideológica revelou-se prontamente, criando impasse logo após a instalação da República, sendo responsável também pela imediata montagem político-partidária adaptada à nova situação. O projeto político republicano caracterizou-se por ser de cunho conservador autoritário, devido à proeminência da filosofia de Júlio de Castilhos. Ela manifestou-se na ação frente aos municípios, visando desmontar a antiga máquina administrativa (e eleitoral) como forma de impor a nova ordem.<sup>21</sup>

Os primeiros anos da república seriam marcados pelo constante enfrentamento entre republicanos e liberais. Em disputa não estavam apenas postos importantes dentro da máquina estatal, mas também duas propostas de governo distintas: “Os dois projetos políticos conservadores – o autoritário dos castilhistas e o liberal dos gasparistas/federalistas – repousavam na maneira diferente de encarar o poder executivo: república presidencialista x república parlamentar e também na diferente percepção das relações do poder local com o poder estadual e o central”<sup>22</sup>. Na prática, por trás do embate ideológico estampados nos jornais e sustentados nas tribunas da assembleia estavam dois segmentos da elite que buscavam não perder seus privilégios e sua posição dentro da sociedade.

Foi nesse contexto de instabilidade política que o jornal *O Patriota* surgiu. Dirigido por antigos integrantes do Partido Conservador, o periódico também participaria dos debates políticos da época, tomando uma posição irrefutável a favor da causa republicana. Tal apoio direcionado ao Partido Republicano está relacionado ao posicionamento adotado pelos membros do antigo Partido Conservador após a instauração do governo provisório republicano: a grande maioria dos núcleos conservadores no estado aderiu ao novo regime e declarou apoio ao governador Visconde de Pelotas nos dias que sucederam ao golpe de 1889,

---

21 FÉLIX, Loiva Otero. **Coronelismo, borgismo e cooptação política**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996. p. 65.

22 Ibidem., p. 66

como pode ser verificado através das correspondências telegráficas publicadas nos jornais da época.

Antes de empregar uma análise mais minuciosa da atuação do jornal *O Patriota* nesse período, coloca-se como necessário compreender como se deu o processo de surgimento e atuação da imprensa político-partidária no estado. A fim de compreender as principais características da imprensa engajada com os grupos políticos do estado no século XIX, é útil estabelecer uma periodização acerca das diversas etapas de desenvolvimento do jornalismo na região. Para tanto, será utilizado o estudo do sociólogo e professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Francisco Rüdiger. Em seu trabalho intitulado *Tendências do Jornalismo*, o autor afirma que a trajetória do jornalismo no Rio Grande do Sul pode ser dividida em quatro momentos distintos. O primeiro momento estaria vinculado ao surgimento da imprensa no estado, durante o período que antecedeu a Guerra dos Farrapos, na primeira metade do século XIX. A segunda etapa seria caracterizada pela atuação dos jornais político-partidários, e perduraria entre a segunda metade do século XIX e os anos iniciais do século XX. As duas últimas fases dessa trajetória são caracterizadas primeiro pelo surgimento do jornalismo literário independente, ainda no final do século XIX, e por fim o advento do jornalismo informativo moderno, tendo como marco inicial a fundação do jornal *Correio do Povo*, em 1895.

Tendo em vista as delimitações temporais desta pesquisa, foram utilizadas nessa análise historiográfica as contribuições do autor que dizem respeito ao surgimento e atuação dos jornais durante o período político-partidário, iniciado no terceiro quartel do século XIX. Entre os demais autores que propõem uma periodização para o estudo da imprensa no Rio Grande do Sul, situa-se o estudo organizado por Jandira da Silva em conjunto com Elvo Clemente e Eni Barbosa. Em seu trabalho intitulado *Breve histórico da imprensa sul-riograndense*, os autores utilizam como delimitação temporal entre as diferentes fases da historiografia da imprensa o surgimento de jornais considerados marcos do jornalismo do estado. Assim, a fase de consolidação da imprensa político-partidária iniciaria com a fundação do jornal *A Reforma*, em 1869. Apesar de utilizarem nomenclaturas distintas, as abordagens dos dois estudos se aproximam principalmente no que tange ao surgimento da imprensa político-partidária, na medida em que os dois apontam o caráter precursor do Partido Liberal e do jornal *A Reforma* na utilização da imprensa como veículo de propaganda e difusão ideológica. Em sua escrita, Jandira salienta que a imprensa no Rio Grande do Sul sempre esteve relacionada à política do estado. Portanto, a apropriação dos veículos de comunicação por parte dos partidos políticos na segunda metade do século XIX não era algo novo. A autora, assim, afirma que:

A história da imprensa gaúcha não deixa de ser, entretanto, a história da evolução política e também social no Rio Grande do Sul. Após a acirrada luta entre legalistas e farroupilhas polemizada através dos jornais, tornam-se esses órgãos representativos dos diversos partidos políticos da província: o conservador, que teve o jornal “O Conservador” como seu órgão máximo; o liberal histórico, que resultou da união entre “radicais” e “progressistas”, tendo “A Reforma” como órgão oficial; e o republicano, cujas ideias se propagaram através do jornal “A Federação”.<sup>23</sup>

Francisco Rüdiger também afirma que o que está por trás da mutação do regime jornalístico e do surgimento de uma imprensa político-partidária não são as disputas entre republicanos e *gasparistas*. Para o autor, esse processo tem origens ainda no período embrionário da imprensa sul-rio-grandense, estando vinculado ao processo de embates políticos que resultariam na Guerra dos Farrapos (1835 – 1845). No entanto, apesar do papel de destaque que as folhas “revolucionárias” desencadearam durante o período que antecedeu a guerra civil de 1835, Rüdiger afirma que a principal característica da imprensa do estado naquele período era a precariedade das tipografias e os poucos recursos investidos na produção dos jornais. Além disso, tendo em vista que os impressos muitas vezes tinham vocação exclusivamente política, a maioria dos jornais daquela época tiveram vida efêmera, tendo sido desativados logo após a Guerra dos Farrapos. No entanto, algumas características em comum entre os jornais da primeira metade do século XIX – criados no contexto da Guerra dos Farrapos – e os jornais impressos no final do século XIX são apontadas pelo autor:

O conceito que guiava esses jornais era tão somente político. Os textos tinham forte cunho doutrinário, consistindo de matérias opinativas sobre questões públicas, comentários ideológicos e polêmicas com os adversários da publicidade. A linguagem era extremamente virulenta, não poupando ideias, nem pessoas. O extrato de um editorial exemplifica bastante bem a motivação que preside o lançamento de um periódico na época [...] Nesse contexto, não constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha.<sup>24</sup>

Os autores supracitados não só apontam semelhanças entre o período do surgimento da imprensa no estado e o período de atuação dos jornais político-partidários como também delimitam pontos de divergência entre essas duas maneiras de se fazer jornalismo. Nesse sentido, a principal diferença entre o jornalismo “revolucionário” do início do século XIX e a imprensa político-partidária seria justamente a intervenção direta dos políticos dentro das redações e tipografias. Segundo Rüdiger, no início do século XIX os responsáveis pela manutenção das tipografias e redações dos jornais não eram políticos, mas essencialmente artesãos especializados, que constituíam muitas vezes uma parcela da pequena burguesia

23 SILVA, Jandira M. M; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa Sul – Rio Grandense**. Porto Alegre: CORAG, 1986, p. 124.

24 RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 21.

urbana da província. Outra característica desse momento inicial era a falta de organização entre os trabalhadores do segmento. Segundo o autor, somente em 1870 seria fundada a Sociedade Tipográfica em Porto Alegre, já no período de consolidação da imprensa político-partidária. Dessa maneira, apesar de o jornalismo daquele período atender a alguns anseios de políticos, principalmente no que tange à vinculação de ideais, não existia uma dominação de grupos políticos sob nenhum veículo de comunicação. Em suma, entre os desejos das elites políticas e a redação final de um jornal existiam os tipógrafos, intermediários nesse processo e que não pertenciam necessariamente aos grupos políticos do estado daquele período. Dessa forma, apesar de não ser possível afirmar que a imprensa do início do século XIX fosse imparcial, existia certo grau de autonomia por parte das tipografias, tendo em vista que não existia controle econômico por parte dos partidos políticos. Nesse sentido, é possível afirmar que foi durante a segunda metade do século XIX, mais precisamente após a fundação do jornal *A Reforma*, em 1869, que a vocação política da imprensa se consolidou. Diferentemente do período embrionário da imprensa gaúcha, essa etapa foi marcada pela apropriação dos jornais pelas principais bandeiras em atuação na província: os liberais, os conservadores e posteriormente os republicanos. Em suma, a partir de 1869 os partidos teriam seus jornais oficiais, estando esses inteiramente vinculados aos desejos dos ideais partidários, como afirma o autor:

Os partidos encarregaram-se de montar suas próprias empresas e lançar periódicos pelos quais assumiam inteira responsabilidade. Nesse contexto, surgiram as redações, os jornais começaram a ter uma organização editorial e se consolidava a racionalidade em seu funcionamento. Os políticos foram progressivamente tomando o lugar dos tipógrafos na função social dos jornalistas.<sup>25</sup>

Ao assumir a redação e a gerência dos jornais, os políticos transformaram-se também em jornalistas, e a função primordial da imprensa passou a ser o serviço aos ideais partidários. Como aponta Rüdiger, esse processo transformou a imprensa em um agente orgânico da vida partidária. No Rio Grande do Sul da segunda metade do século XIX, não se fazia política sem a impressão de jornais, e quase não se produzia jornais sem vocação política. Durante esse período a atividade de políticos por vezes confundia-se com a de jornalistas, e proprietários de tipografias iniciaram a sua trajetória nesse meio. Pessoas cujas carreiras estavam diretamente vinculadas à burocracia partidária, dedicados ao jornalismo e aos serviços de seus partidos. Entre os nomes que se destacaram na imprensa político-partidária desse período, encontram-se Karl von Koseritz, Eudoro Berlink, Arthur Lara e outros. Os jornais fundados nesse

---

25 RÜDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo**. 3. ed. Porto Alegre; Editora da UFRGS, 2003. P. 35.

período, segundo Rüdiger, contribuíram para a formação de uma nova percepção acerca do ofício do jornalista:

Na verdade, o jornalismo político-partidário desenvolveu a concepção de que o papel dos jornais é essencialmente opinativo, visa veicular organizadamente a doutrina e a opinião dos partidos na sociedade civil. Os jornalistas são os responsáveis pela tarefa de transmitir de forma criteriosa a doutrina dos partidos e dirigir a opinião pública. A perspectiva não se limita a reconhecer o papel dos jornais no processo de formação da opinião pública, postulando sua organização para o exercício de um papel dirigente, porém concorrente com o das demais folhas, no movimento da esfera pública.<sup>26</sup>

No que tange ao desenvolvimento da imprensa no restante do país, as últimas décadas do século XIX vivenciaram um momento de transição na maneira de empreender jornais. Isto porque a figura do tipógrafo e da tipografia artesanal, corriqueiros durante todo o desenvolvimento da imprensa, começariam a perder espaço para o estabelecimento de grandes jornais, que atuavam sob uma nova lógica empresarial, tendo o lucro como principal finalidade e operando com novas tecnologias que visavam o aumento da produção e distribuição dos jornais. O historiador Werneck Sodré (1998) atenta para o surgimento de uma imprensa mais vinculada à sociedade burguesa das grandes cidades brasileiras daquele período. Esse fenômeno não ficaria restrito aos novos jornais que surgiram em São Paulo e Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, a modernização da imprensa também se fez sentir, principalmente após a fundação do jornal *Correio do Povo*, em Outubro de 1895. Esse novo segmento da imprensa, diferentemente daqueles ligados aos grupos e interesses políticos, não privilegiavam a discussão política em suas páginas, pelo contrário, declaravam-se imparciais e com a única finalidade de difundir notícias. Os anúncios publicitários, por sua vez, ganhavam mais espaços nos jornais modernos, tendo em vista que o setor comercial era agora o responsável pela manutenção econômica das tipografias. A autonomia, outrora adquirida pelas pequenas tipografias era agora reconquistada pelos grandes periódicos, sob uma nova lógica: se os artesãos dependiam principalmente da venda para o seu público consumidor enquanto geriam um empreendimento com baixos custos, os novos jornais dependiam dos anúncios publicitários e da venda em larga escala. Os grupos políticos, antes patrocinadores e dirigentes de muitos jornais, não mais participavam nesse empreendimento.

Para entender como os jornais de cunho político-partidário estabeleceram-se nesse período de transição no modo de se fazer jornalismo, é preciso considerar dois aspectos fundamentais: o primeiro é o fato de que o jornalismo político não estava restrito aos órgãos

---

<sup>26</sup> Ibidem., p. 37.

oficiais partidários, subsistindo diversos veículos sem a intervenção direta de grupos políticos mas que igualmente estavam inseridos nessa prática jornalística; o segundo está relacionado ao fato de que as características apontadas por Werneck Sodré para descrever a imprensa burguesa do final do século XIX não estão restritas a esses novos jornais. É possível encontrar jornais com vocação política que igualmente dependiam dos anúncios comerciais publicados em suas páginas, ainda que esses recursos não fossem os únicos necessários para a manutenção de sua tipografia. Assim, é importante uma abordagem de natureza empírica em relação aos veículos da imprensa desse período, evitando recorrer à uma categorização estática. Em suma, um jornal com viés partidário desse período poderia mesclar elementos associados aos jornais modernos sem vínculos econômicos com nenhuma bandeira partidária, como será visto na análise do jornal *O Patriota*.

Para Rüdiger (2003), a principal características do jornalismo subordinado aos partidos residia no fato de que não existia uma preocupação comercial como seria perceptível nos jornais modernos. Para os gestores dos jornais partidários, a impressão e circulação de suas convicções junto à sociedade da época eram a principal finalidade da imprensa, estando o lucro em segundo plano. De tal modo, empreender uma tipografia era uma parte importantíssima na vida de um partido político, pois os jornais ali impressos constituiriam o principal instrumento de propaganda do grupo. Um jornal que não contasse com a intervenção econômica de um partido, por outro lado, estaria mais suscetível a privilegiar os anúncios comerciais e a utilização de um discurso menos tendencioso em suas páginas, visando atingir um público menos restrito. Nesse sentido, o autor afirma:

Entretanto, as preocupações econômicas não estavam na ordem do dia. A manutenção dos periódicos não constituía um problema financeiro, mas um problema político. O lançamento dos jornais não visava o lucro mercantil, mas à doutrinação da opinião pública. As páginas dos jornais não somente constituíam um prolongamento da tribuna parlamentar, mas meios de articulação partidária do movimento da sociedade civil.<sup>27</sup>

A partir das considerações tecidas anteriormente e da contribuição de autores cujos trabalhos foram dedicados inteiramente para o estudo da imprensa, pode-se pontuar as principais características do jornalismo sul-rio-grandense no período de atuação do jornal *O Patriota*. Uma parcela significativa dos jornais que circulavam no estado possuíam vínculos com partidos políticos, sendo que tal relação não se dava de apenas uma maneira. Enquanto alguns jornais eram inteiramente administrado por grupos políticos, tendo como principal função a divulgação das ideais defendidas por aquele conjunto de sujeitos, outros estavam

---

<sup>27</sup> Ibidem, p. 39.

vinculados a partidos ou bandeiras políticas sem depender inteiramente da ação daqueles. Este último é o caso do jornal *O Patriota*, que não era subordinado financeiramente de nenhum grupo, mas cujos dirigentes assumiam publicamente a defesa do governo provisório. Parte-se, então, para a compreensão da atuação do jornal *O Patriota* no período de transição política. Segue, para isso, uma apresentação dos perfis de alguns dos principais dirigentes do jornal e de como estes atuaram na política da província durante o final do século XIX, com a finalidade de conhecer os responsáveis pela organização do jornal.

## 2.2 OS PATRIOTAS: PERFIL DOS DIRIGENTES DO JORNAL E SUAS ATUAÇÕES NA POLÍTICA DA PROVÍNCIA

Tendo em vista as considerações apresentadas na introdução deste trabalho referentes à metodologia necessária para a pesquisa com fontes da imprensa, compreende-se que uma parte fundamental da análise de um objeto de pesquisa do meio jornalístico é o estudo dos seus dirigentes. Nesse sentido, nas próximas páginas são apresentados os sujeitos históricos por trás das edições do jornal *O Patriota*, e quais eram os seus posicionamentos políticos e suas intencionalidades dentro dessa esfera do jornalismo. Em se tratando de uma pesquisa com jornais da primeira república essa tarefa se torna imprescindível, pelo fato de que nesse período o jornalismo foi incorporado pelas elites políticas. Assim, os discursos impressos em cada edição do jornal foram pensados, redigidos e defendidos por um conjunto de sujeitos os quais esse trabalho pretende analisar as motivações para a fundação e posterior atuação dentro do jornal *O Patriota*. Para a realização dessa tarefa essencial foram utilizadas fontes documentais da época, como anuários, nominatas de órgãos públicos do estado, notícias de outros jornais do período, como também informações retiradas dos Anais e Atas da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, foram incorporados nessa investigação produções acadêmicas que abordam a fundação do jornal e que ajudam a identificar quem eram os sujeitos responsáveis por sua manutenção e como atuavam naquele meio político.

Conforme já mencionado, a fundação do jornal *O Patriota* e a publicação de sua primeira edição em 20 de novembro de 1889 estão diretamente relacionadas ao encerramento das atividades de outro importante veículo da imprensa político-partidária do estado no final do século XIX: o jornal *O Conservador*. Esse periódico fazia parte do grupo composto pelos três principais jornais do Rio Grande do Sul, junto com *A Reforma* e *A Federação*. Assim como seus congêneres, o jornal *O Conservador* também era órgão oficial de um partido político, o Partido Conservador, grupo monarquista com menor expressão no estado se

comparado ao Partido Liberal. A primeira edição foi publicada no dia 14 de setembro de 1879. Dez anos depois, em novembro de 1889, era publicada a edição número 259, a última do jornal *O Conservador*. Para os objetivos desse trabalho, é importante situar justamente essa última tiragem, publicada no dia 19 de novembro, um dia antes da primeira edição do *Patriota*. Acerca das características do periódico monarquista e do seu último número impresso, a autora Jandira Silva aponta:

O jornal era “Órgão do Partido Conservador” e, como outros da época, continha quatro páginas. Foram examinados 20 volumes, aproximadamente. No último número, com o título “A Província”, Paulino Rodrigues F. Chaves apresenta o novo jornal “O Patriota”, que substituiu “O Conservador”, uma vez que a República era fato evidente e o jornal era monárquico.<sup>28</sup>

A partir da citação de Jandira é possível iniciar a busca pelos dirigentes do jornal *O Conservador*, que seriam os responsáveis pela criação do jornal *O Patriota* em 20 de Novembro de 1889. O primeiro nome apresentado é justamente o do redator da última edição do periódico monarquista: Paulino Rodrigues Fernandes Chaves. As informações que constam nesse capítulo acerca de Paulino foram retiradas de trabalhos acadêmicos que abordam a política na província durante o período monarquista. Natural da região central do Rio Grande do Sul, mais precisamente do município de Cachoeira, Paulino era magistrado e filho do senador Pedro Chaves. Foi um membro influente do Partido Conservador durante todo o período do segundo reinado, estando também a frente do jornal *O Conservador*. Em 03 de janeiro de 1893 foi nomeado desembargador do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, quando o estado já estava sob domínio dos republicanos liderados por Júlio de Castilhos. Ainda em 1879, quando era juiz de direito da comarca de Maquiné, Paulino foi expulso de Conceição do Arroio junto com outro juiz municipal e de órfãos, Alexandre Correia de Castro. Na ocasião, os dois teriam sido vítimas de uma trama bem organizada entre os desafetos políticos de Paulino, principalmente liberais descontentes com a sua atuação naquela comarca.<sup>29</sup> Ao longo de sua trajetória política foi se tornando uma figura pública do Partido Conservador, principalmente através de seu protagonismo dentro do órgão oficial do partido. Assim como outros conservadores, Paulino Chaves aderiu à causa republicana e ao novo governo instaurado na província. Essa transição do Partido Conservador para a atuação na imprensa em defesa do governo republicano no estado pode ajudar a entender a sua nomeação para o cargo de desembargador estadual em 1893, no auge do governo de Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul, no momento anterior à eclosão da guerra civil que opôs

28 SILVA, Jandira M. M; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. **Breve histórico da imprensa Sul -Rio Grandense**. Porto Alegre: Corag, 1986, p. 266.

29 Para mais informações acerca desse episódio ler: WITT, Marcos Antonio. **Política e magistratura no Brasil Imperial: O litoral norte do Rio Grande do Sul como um estudo de caso**. Disponível em: <[https://www.tjrs.jus.br/export/poder\\_judiciario/historia/memorial\\_do\\_poder\\_judiciario/memorial\\_judiciario\\_gaucho/revista\\_justica\\_e\\_historia/issn\\_1676-5834/v2n3/doc/11-Marcos\\_Witt.pdf](https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucho/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/11-Marcos_Witt.pdf)>

Liberais e castilhistas. Nesse sentido, é possível afirmar que entre os dirigentes do jornal *O Patriota*, Paulino Chaves foi o que desempenhou as mais altas funções dentro do Partido Conservador e da redação do órgão oficial do partido, sendo o principal responsável pelos conteúdos impressos nas edições do periódico.

Assim como Paulino Chaves, outros membros do Partido Conservador também fizeram parte dessa transição entre *O Conservador* e *O Patriota*, e para compreender esse processo dois nomes são fundamentais: Joaquim Francisco da Silva Souto e Domingos Francisco dos Santos. O primeiro seria o gerente do novo jornal e o segundo o autor da primeira edição do periódico, onde evidenciaria a posição adotada pelos políticos conservadores naquela conjuntura de transição política. Domingos Francisco dos Santos foi, junto com Paulino Chaves, o responsável por gerir o jornal *O Conservador*. Assim, ao longo dos dez anos em que o periódico foi impresso, estava sob sua responsabilidade a redação de diversos artigos, crônicas e discursos políticos. Nesse sentido, foi publicado no *Anuario da Provincia do Rio Grande do Sul para o anno de 1885* o seguinte excerto a respeito do jornal:

4) O Conservador: - Formato 49+34. - 6 annos. - Assignatura, 12\$000 e 16\$000. - Typographia à rua do General Camara 55. É órgão do partido conservador, sendo exclusivamente redigido pelos Drs. Domingos Francisco dos Santos e Paulino Chaves. Sua machina de impressão, movida a braço, é a mais antiga de todos os jornaes da provincia. Servio durante longos annos, nas officinas do *Rio-Grandense* e antes nas do finado *Mercantil*.<sup>30</sup>

O anuário dirigido por Graciano A. De Azambuja consiste em uma fonte muito interessante na medida em que seu autor apresenta todos os jornais da província em funcionamento, separando-os por grupos de acordo com a sua periodicidade. Além de informações técnicas, como o formato, valores de assinaturas e características da tipografia, são citados os principais sujeitos por trás das publicações. Assim, o pesquisador tem acesso a nomes importantes para o trabalho com fontes da imprensa. Em relação ao jornal *O Conservador*, apenas os nomes de Paulino Chaves e Domingos dos Santos são citados. Importante ressaltar que no excerto transcrito acima o autor do anuário atenta para o fato de que as edições do jornal eram redigidas exclusivamente por esses dois membros do Partido Conservador, o que ajuda a entender o porquê de serem de suas autorias o último número do periódico conservador e o primeiro do jornal *O Patriota*. Existia, nesse sentido, uma hierarquia implícita dentro da redação desses dois jornais.

---

30 AZAMBUJA, Graciano de. **Anuário da Província do Rio Grande do Sul**, 1885, p.190. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=706124&pagfis=191&pesq&url=http%3A%2F%2Fmemoria.bn.br%2Fdocreader#>>>

Domingos dos Santos foi engenheiro de formação, tendo ocupado diversos cargos ao longo de sua vida dentro do funcionalismo público do estado relacionadas com a sua instrução. Entre as funções desempenhadas por Domingos, destaque para os cargos de diretor chefe da repartição de obras públicas entre os anos de 1871 e 1872, inspetor especial de terras e colonização, função a qual foi nomeado pelo ministério da agricultura em 1890 e também primeiro suplente da subdelegacia do terceiro distrito da capital, exercido no ano de 1889, esta não relacionada à sua formação. Apesar de ser um conservador e monarquista convicto até o ano de 1889, é possível perceber uma certa proximidade com políticos republicanos, segundo consta na edição do dia 23 de julho de 1885 do jornal *A Federação*, quando Domingos é descrito pelo periódico como “ex-capitão de artilharia e uma das esperanças mais notáveis do partido conservador”.<sup>31</sup> Dentro do Partido Conservador, concorreu diversas vezes para o cargo de deputado geral do sexto círculo. Seu principal competidor, como consta nos informes políticos do jornal *A Federação*, era o liberal Dr. Joaquim Pedro Soares, um dos autores do manifesto liberal atacado pelos dirigentes do jornal *O Patriota* citado no início desse capítulo. Dentro da Assembleia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, que ocorreu entre 1835 e 1889, Domingos dos Santos integrou a mesa diretora entre os meses de setembro e dezembro de 1867. No entanto, sua trajetória política mudaria no ano de 1889, quando foi publicado no dia 10 de julho um manifesto na primeira página do jornal *A Federação* direcionado à província. No texto de sua autoria, Domingos dos Santos expressa a sua indignação com o atual momento vivido pela monarquia e por seus representantes dentro dos partidos Conservador e Liberal. Anunciava, também, a sua adesão à causa republicana a partir daquele momento e convidava os seus correligionários a fazerem o mesmo. Abaixo, está transcrito parte de seu manifesto:

Os últimos acontecimentos, nos quaes vi claramente que os dois partidos monarchicos, não passavam, de alizares e peças desbotadas e gastas de uma encenação politica, unicamente reclamada para o desempenho d'essa comedia constitucional, que há sessenta e sete annos se representa n'este paiz com a mais geral indifferença, determinaram essa transformação do meu espirito, que a ninguém surprehenderá mais do que a mim próprio! Collocado entre a monarchia e a minha Patria, tive afinal o heroismo de decidir-me por esta.<sup>32</sup>

Domingos dos Santos foi o primeiro dirigente conservador envolvido diretamente na gerência do jornal de seu partido a manifestar apoio à causa republicana, antes mesmo da instauração do regime republicano em 15 de novembro de 1889. Assim, torna-se fundamental inserir a sua trajetória política dentro desse processo de transição política do jornal. Os anos

31 *A Federação*, Porto Alegre, p. 3, 23 jun. 1885

32 SANTOS, Domingos dos. Manifesto, *A Federação*, Porto Alegre, p.2, 10 julho. 1889

de militância nas fileiras conservadoras fizeram com que o seu posicionamento de ingressar no Partido Republicano não o afastasse de maneira significativa do convívio com os seus antigos correligionários monarquistas. Pelo contrário, coube a Domingos dos Santos a tarefa de assinar a primeira edição do jornal *O Patriota*. O seu envolvimento com o novo periódico também aproximava os dirigentes do antigo *O Conservador* aos políticos do Partido Republicano Rio-grandense. Nesse sentido, ressalta-se a repercussão do reposicionamento político do jornal *O Conservador* para *O Patriota* nas páginas do jornal oficial dos republicanos. Na edição publicada no dia 21 de novembro de 1889 foi escrita uma nota dando conta da criação do novo jornal e parabenizando a iniciativa de Domingos dos Santos em apoiar o novo empreendimento de seus antigos correligionários, ressaltando que o primeiro artigo do jornal *O Patriota* levava a sua assinatura.

Após apresentar o perfil dos dois principais dirigentes do jornal *O Conservador* em conjunto com um breve relato de suas trajetórias políticas e também atuação dentro da imprensa político-partidária, é necessário analisar a atuação de um outro sujeito histórico fundamental nesse processo de criação do jornal *O Patriota*: Joaquim Francisco da Silva Souto. Assim como Paulino Chaves e Domingos Francisco dos Santos foram responsáveis por gerir o jornal conservador, Joaquim Francisco da Silva Souto foi encarregado de assumir a gerência do novo periódico. A escolha de seu nome para desempenhar essa importante função dentro da redação do jornal *O Patriota* muito provavelmente esteve ligada à sua experiência dentro do jornal *O Conservador*, tendo em vista que o seu nome aparece entre os colaboradores do antigo jornal monarquista. Nesse sentido, a historiadora Dilza Porto Gonçalves, ao apresentar os principais sujeitos envolvidos na produção do periódico conservador aponta:

Parece ter sido espaço de importantes debates políticos na década derradeira da Monarquia. E, teve como colaboradores do jornal, membros importantes do Partido Conservador: Carlos Augusto Candal de Carvalho, Joaquim Francisco da Silva Souto, Paulino Chaves, Ernesto Theobaldo Jaeger, Domingos Francisco dos Santos e outros. Foram redatores: o Bacharel Inácio de Mello Barreto e Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena.<sup>33</sup>

Assim como os estudos de Dilza Porto Gonçalves, o trabalho de Jandira da Silva também aponta para a participação efetiva de Joaquim Francisco da Silva Souto na redação do jornal conservador. Segundo a autora, Joaquim foi o gerente do periódico monarquista durante o último ano de sua publicação, havendo inclusive ocupado o cargo de diretor do jornal. O

33 GONÇALVES, Dilza Porto. **A Instrução pública e a Escola Normal nos debates político-partidários em Porto Alegre (1869-1889)**. XXVII Simpósio Nacional de História, Anpuh, julho 2013, pg. 5. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364948380\\_ARQUIVO\\_AInstrucaoPublicaEaEscolaNormalnosdebatespolitico-partidariosemPortoAlegreporDilzaPortoGoncalves.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364948380_ARQUIVO_AInstrucaoPublicaEaEscolaNormalnosdebatespolitico-partidariosemPortoAlegreporDilzaPortoGoncalves.pdf)>

fato de Joaquim ser o gerente do *Conservador* nas últimas tiragens do jornal explica o fato de ter sido seu nome o escolhido para estar a frente do jornal *O Patriota*, tendo em vista que os sujeitos por trás do novo periódico eram os mesmos vinculados ao órgão oficial do antigo partido monarquista. Além dos três nomes apresentados anteriormente, outros dirigentes conservadores participaram desse processo de transição política dentro da redação conservadora. No entanto, por entender que Domingos Francisco dos Santos, Paulino Chaves e Joaquim Francisco da Silva Souto exerceram funções de destaque dentro do jornal *O Patriota*, não serão investigados nesse trabalho outros políticos que integraram a redação desses jornais. É plausível afirmar, porém, que as suas ações a frente do novo periódico representavam, em boa medida, o posicionamento de grande parcela dos políticos vinculados ao partido conservador do estado durante aquele período. Para compreender melhor esse processo de reposicionamento político, no entanto, é necessário analisar as primeiras edições do jornal *O Patriota*, publicadas nos momentos iniciais do período republicano.

### 3 O PATRIOTA ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA

O presente capítulo propõe-se a analisar as edições do jornal *O Patriota* publicadas entre os meses de novembro e dezembro de 1889, tendo como objetivo principal situar o jornal no contexto político de transição entre o regime monárquico e republicano. Para isso, foram analisados em um primeiro momento os artigos políticos escritos por seus dirigentes, bem como a cobertura do jornal em relação a campanha de adesão ao regime republicana dentro do Rio Grande do Sul. A partir dessa análise mais minuciosa das publicações do periódico é possível compreender como *O Patriota* estava inserido nos debates políticos que sucederam no alvorecer da república.

Assinala-se que os apontamentos dos capítulos anteriores, principalmente em relação à trajetória de alguns dos dirigentes do periódico dentro da política provincial, também são melhores exemplificados aqui. A razão disso é que a análise dos periódicos permite ao pesquisador e ao leitor um contato direto com o que estavam dizendo esses sujeitos através de suas atividades dentro da redação do jornal. Assim, é possível apropriar-se de alguns manifestos escritos pelos indivíduos anteriormente estudados nesse trabalho. Para a realização dessa análise da fonte histórica foram selecionados dezesseis números do jornal *O Patriota*, publicados entre os dias 20 de novembro e 07 de dezembro de 1889. Essa seleção teve como critérios principais a recorrência de artigos, manifestos e matérias que abordaram justamente o tema da transição de regimes no Brasil e no Rio Grande do Sul, assim como a intensidade da cobertura da campanha de adesão ao regime republicano por parte dos municípios do estado.

#### 3.1 A DEFESA DA REPÚBLICA: ANÁLISE DE EDITORIAIS PUBLICADOS ENTRE NOVEMBRO E DEZEMBRO DE 1889

A primeira edição do jornal *O Patriota* foi impressa no dia 20 de novembro de 1889. Assim como se verificou em outros jornais do século XIX, o número inaugural do periódico continha um manifesto que, de alguma maneira, delineava algumas ideias principais que seriam defendidas ao longo de sua trajetória. Esse manifesto geralmente era escrito por algum dirigente que desempenhava uma função de destaque no jornal, como o gerente ou diretor de redação. No caso do jornal *O Patriota*, o escolhido para firmar a primeira edição foi Domingos Francisco dos Santos, que desde meados de 1889 já havia ingressado nas fileiras do Partido Republicano Rio-grandense, terminando suas atividades no jornal *O Conservador*. Nesse sentido, torna-se fundamental uma análise minuciosa dessa primeira edição do jornal, na medida em que nela Domingos dos Santos apresenta aos leitores as justificativas para a

fundação do novo jornal. É importante ressaltar que a criação de um novo jornal por parte dos antigos membros do Partido Conservador tinha como intenção justamente desvincular a imagem de seus responsáveis a de um partido monarquista. Se anteriormente o jornal *O Conservador* havia desempenhado a função de órgão oficial de um partido político, a partir do advento da república, o jornal *O Patriota* não cumpriria mais essa função. Essa transformação, no entanto, não alterou as características essenciais do jornal, como a sua organização e atuação. Isso porque seus dirigentes continuavam sendo essencialmente homens vinculados à política provincial, com uma longa trajetória no que pode ser denominado como jornalismo político-partidário. Assim, a política continuou sendo a principal pauta do periódico assim como a linguagem beligerante permaneceu como principal elemento da retórica de seus dirigentes. Em suma, a maneira de se fazer jornalismo não foi alterada, apesar de o conteúdo ter sofrido uma importante ruptura, a defesa da monarquia transformou-se em defesa do regime republicano.

O artigo escrito por Domingos dos Santos pode ser interpretado ao mesmo tempo como um manifesto de ordem pessoal como também coletivo. É evidente o grau de subjetividade utilizado pelo autor em seu trabalho, principalmente através do uso da primeira pessoa. No entanto, a escolha de seu nome para a autoria do primeiro artigo pode ser entendida como uma estratégia dos dirigentes do jornal. Afinal, desde meados de 1889, Domingos Francisco dos Santos não fazia mais parte da redação do jornal *O Conservador* pelo fato de ter rompido com a monarquia e expressado publicamente a sua adesão à causa republicana. Assim, ao longo dos meses que antecederam a transição de regimes, ampliou os seus laços políticos com novos indivíduos, principalmente partidários do PRR.

Parece plausível, nesse sentido, supor que a escolha de Domingos por parte dos dirigentes do jornal *O Patriota* tenha sido motivada por essa influência que o seu antigo correligionário havia construído nas fileiras do PRR. Corrobora com essa suposição o fato de que tenha sido publicada no jornal *A Federação* uma nota felicitando Domingos por seu artigo e os dirigentes do jornal *O Patriota* por sua nova empreitada. Em suma, ao estampar em sua primeira edição um artigo firmado por um membro do Partido Republicano Rio-grandense o jornal *O Patriota* ganhava, logo em seu primeiro dia de atuação, a simpatia dos membros daquele partido. Nesse sentido, apesar de ter a forma de um manifesto pessoal, pode-se inferir que a primeira edição do novo periódico carregava consigo as intencionalidades e anseios do coletivo por trás de sua redação. Em suma, Domingos Francisco dos Santos foi o escolhido para ser o porta-voz de um grupo político em busca de novos espaços em um contexto de instabilidade e incertezas.

O artigo, o qual está abaixo parcialmente transcrito, aborda três aspectos que merecem destaque nessa análise: em primeiro lugar, a descrição da transição política como um ato

pacífico, a grande aceitação da população expressa na adesão em massa ao novo regime e por fim a legitimidade do governo provisório, responsável pela alteração da ordem das coisas. Assim, a escrita tem como objetivo descrever aos leitores a proclamação da república como um ato patriótico, imprescindível e legítimo. A maneira pacífica pelo qual o antigo regime é derrubado e o fato de que não existira oposição ao novo governo instaurado são aspectos reiterados ao longo de toda a escrita. Acerca desse primeiro aspecto, Domingos indaga:

Diante da transformação radical por que passou o país, eu também me apresento transformado, sem odios nem ressentimentos, aplaudindo esta política generosa do governo republicano, que não proclama nem vencedores nem vencidos, e por isso trago lhe o meu fraco concurso, que só tem o mérito da espontaneidade [...] a conquista incruenta da democracia, avassalando a alma nacional pelo único prestígio da idéia, desprendida de qualquer laço de violência.<sup>34</sup>

Nessa passagem do manifesto o autor descreve o governo provisório como generoso, atentando para o fato de não haver vencedores ou vencidos durante o processo de instauração da república além de ressaltar que a transição de regimes ocorrera sem nenhum laço de violência. Ainda nessa direção, afirma que esse processo se deu sem enfrentar nenhum tipo de oposição, pacífica ou violenta, nem mesmo pelos antigos partidos monárquicos. Essa é uma declaração significativa, tendo em vista que o jornal *O Patriota* representava justamente um grupo de políticos ligados a um desses partidos do regime monárquico. Em suma, fica clara a tentativa de descrever a instauração do governo republicano como um consenso nacional. Domingos continua:

Os antigos partidos convencidos de sua impotência para realizarem a felicidade da pátria proclamaram, elles mesmos, e voluntariamente, a sua proscripção, adherindo francamente a nova ordem das coisas. O velho regime desapareceu sem definir uma única resistência, que denunciasses sequer condições de vitalidade, e volvendo ao tumulto.<sup>35</sup>

Em seu manifesto escrito no dia 10 de Julho de 1889, quando anunciou a ruptura com o Partido Conservador e aderiu ao PRR, Domingos dos Santos já havia proferido severas críticas aos partidos monárquicos, que segundo ele, constituíam “alizes e peças desbotadas e gastas de uma encenação política, unicamente reclamada para desempenho d'essa comédia constitucional”. As críticas mais severas, todavia, foram poupadas nesse artigo inicial do jornal *O Patriota*, na medida em que o autor apenas afirma que esses grupos não eram mais capazes de corresponder aos anseios da nação. É característico dos artigos publicados no jornal a crítica aos partidos monárquicos, ainda que a totalidade dos dirigentes do periódico

---

34 SANTOS, Domingos dos. *O Patriota*, Porto Alegre, p. 1, 20 de nov. 1889

35 Idem.

tivessem pertencido ao Partido Conservador. No entanto, a crítica aos antigos grupos dirigentes tem sempre os mesmos objetivos: legitimar as ações do governo republicano além de desprestigiar o Partido Liberal na província, principal grupo de oposição ao governo provisório instaurado a partir do 15 de novembro. Domingos, no que tange à legitimidade do novo governo, afirma:

No nosso caro Rio Grande, esse novo Estado Americano, vemos a testa de seu governo o glorioso general Camara, reunindo em torno de seu patriotismo todas as adesões para realizar a grande obra da nossa reconstrução social. É uma ditadura, que ninguém assusta, porque está investido d'ella, quem offerece as perfeições da justiça e as garantias da lei, e é justamente um caso em que a personalidade humana coincide e se ajusta a esses elementos indispensáveis de sociabilidade.

36

A análise desse manifesto permite alguns apontamentos acerca da linguagem utilizada pelo seu autor e as intencionalidades por trás de seu discurso. Para a realização dessa tarefa, é necessário resgatar as indagações de Francisco Rüdiger acerca do papel dos jornalistas naquele período. Uma das características do ofício de jornalista era a concepção de que a sua função principal era opinativa. Em outras palavras, cabia aos sujeitos ocupando a função de jornalista o dever de dirigir a opinião pública e veicular a doutrina e opinião dos partidos dentro da sociedade civil. Nesse sentido, produziam-se manifestos onde o principal objetivo não era informar os leitores, mas conquistar as suas mentes. O artigo/ manifesto de Domingos dos Santos expressa bem essa característica do jornalismo sul-rio-grandense do período. É perceptível que a única intenção do autor é convencer os leitores do jornal *O Patriota* a aderirem ao regime republicano, assim como fizeram os dirigentes do periódico. Para isso, elabora-se ou se reforça uma interpretação acerca de um acontecimento histórica tendenciosa. A retórica do autor, nesse caso, é uma das ferramentas para se atingir o objetivo principal de convencer o público-alvo do periódico a compartilhar dos mesmos ideais dos seus dirigentes.

Em determinados momentos, o autor refere-se à sua posição de jornalista quase que como um fardo. Nesse sentido, ao terminar sua argumentação, Domingos dos Santos conclui seu artigo afirmando que “são esses os grandes motivos, que me tiraram da minha obscuridade para volver a um posto, do qual ninguém melhor do que eu, por longa e amarga experiência conhece todas as dificuldades”. A ideia de que o posto de jornalista constituía um ofício árduo e lugar de combate em proveito dos interesses da sociedade como um todo era uma noção recorrente no período e enfatizada pelos jornalistas. Francisco Rüdiger, nessa perspectiva, cita uma passagem do jornal *A Gazeta de Notícias*, também de Porto Alegre, de primeiro de janeiro de 1886. Acerca do ofício de jornalista, a *Gazeta* indagava ser essa a “tarefa ingente de dirigir a opinião nacional”. É necessário, porém, novamente ponderar

---

36 Idem.

acerca da concepção do que era praticar o jornalismo daquele período. Domingos dos Santos não era um jornalista, mas estava jornalista naquele momento. Não exercia esse ofício de maneira remunerada, mas a atividade na redação do *Patriota* confundia-se com a sua militância política. Por isso, o autor se refere ao seu posto à frente do jornal como “columnas, que me tem sido posto de combate por largos annos de minha vida política”. Nesse sentido, apesar de estar se referindo às dificuldades encontradas no debate político-partidário dentro dos periódicos, Domingos utiliza o termo “vida política” e não “vida jornalística”. Naquele momento, as duas atividades misturavam-se e dependiam uma da outra.

Assim como publicar artigos de seus dirigentes, uma outra característica do jornal *O Patriota* no período que sucedeu a instauração da república foi a publicação de artigos ou manifestos anteriormente impressos em diferentes jornais. Cita-se, por exemplo, o artigo publicado pelo jornal *A Reforma* no dia 22 de novembro de 1889, anteriormente citado nesse trabalho, e que foi duramente atacado pelos dirigentes do periódico através de uma nota de repúdio. Nesse sentido, um dos primeiros artigos a serem republicados pelo jornal foi um boletim escrito por Carlos Von Koseritz, redator do jornal *A Reforma*. O título da publicação indica o porquê da escolha de um texto escrito por um importante político e jornalista liberal para estampar o terceiro número do jornal adesista: “Paz!”. Em sua escrita Koseritz afirma que:

Por contrariadas que possam ser nossas opiniões e sentimentos pessoaes, pela nova ordem de cousas, deve ser o principal alvo de todos os nossos esforços a manutenção de socego publico. Uma gota de sangue não deve correr, o progresso da provincia não deve ser atalhado por uma luta civil. Devemos hoje, portanto, curvar-nos ao poder, assim como mais tarde deveremos subordinar as nossas opiniões à resolução commum, que a nação tomará na Constituinte [...] Assim, pois, convido todos os amigos e companheiros, que me honram com a sua confiança politica, a sujeitar-se à nova ordem de cousas, esperando em attitude pacifica o seu desenvolvimento.<sup>37</sup>

O boletim escrito por Carlos Von Koseritz foi publicado na primeira página do jornal *O Patriota* no dia 22 de novembro. Assim, as edições dos dias 22 e 23 de novembro de 1889 levaram em suas páginas iniciais dois artigos republicados e escritos por políticos liberais. O boletim escrito por Koseritz, por sua vez, foi transcrito sem nenhum manifesto por parte dos dirigentes do *Patriota*. É possível inferir que o conteúdo do artigo, como pode ser visto acima, tenha influenciado esse posicionamento neutro por parte dos dirigentes do jornal adesista. Em sua escrita, Koseritz convida os seus partidários políticos a aceitarem o novo governo estabelecido, evitando conflitos que pudessem interferir no progresso da província. Essa preocupação com a manutenção da ordem é recorrente em todos os excertos escritos nesse

---

37 KOSERITZ, Carlos Von. **O Patriota**, Porto Alegre, p. 1, 22 de nov. 1889

período. Ao usar termos como se sujeitar e curvar-se ao poder estabelecido, Koseritz atenta para o fato de que qualquer oposição ao novo governo deveria ser feita através da constituinte a ser realizada pelo esforço coletivo da nação. Em suma, convocava seus correligionários a aceitar o regime republicano instaurado. Se tratando de um periódico recém-republicano, a publicação do boletim de Koseritz parece cumprir com os objetivos de seus organizadores, na medida em que representava o posicionamento de um importante nome na política provincial que estava, se não aderindo, ao menos acatando o novo regime e governo estabelecido.

Assim, nenhuma nota de repúdio ou crítica ao autor do boletim foi escrita na edição do dia 22 de novembro. Uma diferença significativa que pode ter influenciado a diferente recepção por parte dos dirigentes do jornal *O Patriota* em relação aos dois artigos escritos por liberais é o fato de que o artigo assinado por Joaquim Pedro Salgado, Joaquim Pedro Soares e Joaquim Antonio Vasques parece ser escrito em nome de Gaspar Silveira Martins. Segundo os autores do artigo, para o líder do Partido Liberal não importava a forma de governo, somente a luta pela “liberdade em todas as suas manifestações”. O nome do líder do Partido Liberal, nesse contexto, figurava como uma das principais ameaças ao regime instaurado. A análise das edições do jornal *O Patriota* evidencia o temor que os dirigentes do periódico nutriam em relação à figura de Silveira Martins. Durante os primeiros dias do novo governo, eram constantes os ataques e as notícias que davam conta de monitorar os passos do líder da oposição.

A partir da repercussão gerada pelos dois artigos transcritos nas páginas do jornal *O Patriota* é possível afirmar que a escolha por republicar textos escritos por dirigentes de outros grupos políticos, principalmente representantes da oposição ao regime, não seguia um critério único, tendo em vista que foram selecionados textos que estavam de acordo com os objetivos do periódico e um artigo que ia de encontro com aquilo que os republicanos defendiam. Fica evidente, assim, que por trás dessas publicações estavam as intenções dos dirigentes do jornal *O Patriota*. Em suma, os organizadores do periódico manuseavam os excertos escritos pelos liberais de acordo com as suas próprias intenções, ora atacando o posicionamento de alguns dirigentes da oposição, ora ressaltando posicionamentos que corroboravam com aquelas concepções descritas no primeiro artigo de Domingos dos Santos, como, por exemplo, a de que a transição era pacífica, sem oposição e legitimada por todos os cidadãos.

A edição do jornal que circulou na capital no dia 27 de novembro trazia em sua primeira página um exemplo claro dos ataques anteriormente citados à Gaspar Silveira Martins. Intitulado “Ridículo”, o excerto não tinha assinatura de nenhum dirigente do jornal, mas que muito provavelmente representava a vontade do coletivo envolvido na redação do *Patriota*. No manifesto que foi parcialmente transcrito abaixo, os redatores do jornal utilizam-

se de uma linguagem agressiva ao criticar a ação dos liberais e os grupos de oposição ao regime monarquista. Mais uma vez, o texto cumpre com os dois objetivos anteriormente citados nesse trabalho: atacar a ação dos grupos de oposição ao governo republicano, desprestigiando principalmente as lideranças do Partido Liberal, além de legitimar as ações do governo provisório:

No actual momento historico da Patria, nada mais triste que a insistencia ao mesmo tempo imbecil e insolente dos thuriferarios do ex-conselheiro Silveira Martins, em fazerem-se valer, arregimentados em torno da bandeira que, ao em vez dos symbolos tradicionais das gerações que passam e que os archivos publicos guardam como sagradas reliquias, constitue uma vergonha que o pudor rio-grandense repelle.<sup>38</sup>

No restante da escrita, os ataques ao regime monárquico e principalmente à figura de Martins continuam. Acusam a monarquia de constituir um governo corrupto, ao mesmo tempo em que descrevem a proclamação da república como uma “revolta do brio nacional contra uma dominação humilhante”. Mais uma vez, a preocupação em reafirmar a ideia de que o novo regime era resultado de um esforço do coletivo da nação contra um regime opressor. Os ataques ao Partido Liberal explicam-se principalmente pelo fato de terem sido os conservadores, em geral, o grupo político ligado à monarquia que mais rapidamente aderiu ao regime republicano. Essa adesão, que será discutida ainda nesse capítulo, pode ser em parte explicada pelo fato de que nos últimos anos do regime monárquico eram os liberais o grupo mais arregimentado e com mais poder dentro da província, ao passo que os conservadores constituíam uma força secundária na política regional. As divergências entre os dois grupos monárquicos, nesse período de transição política, seriam ainda mais acentuadas. Assim, o ataque à figura de Gaspar Silveira Martins foi uma estratégia amplamente utilizada pelos “novos republicanos”, tendo em vista que seu nome já era publicamente reconhecido como um defensor do regime monárquico e um opositor à ascensão do Partido Republicano Rio-grandense. Ainda sobre o líder dos liberais, está escrito no manifesto:

Eis ahi as consequencias lamentaveis da omnipotencia funesta de um homem cujo espirito abdicaram a faculdade do raciocinio e da deliberação. Um bello dia, a revolta do brio nacional contra uma dominação humilhante, arrasta-o tambem no seu carro de triumpho e o seu prestigio, como tudo quanto carece da consistencia de uma legitimidade racional, rúe como por encanto como esse castello feutal, ermo de horrores. O que succede? Ahi ficam desorientados os feticheis da potestade deposta, sem alma para sentirem os estos da apaixonada commoção patriotica da victoria de todos os direitos, sem espirito para comprehenderem o alcance sem igual da profunda transformação sociologica.<sup>39</sup>

---

38 **O Patriota**, Porto Alegre, p.1, 27 de nov. 1889

39 **O Patriota**. Porto Alegre, p. 1, 27 de nov. 1889

Diversos recursos de linguagem utilizados nesse trecho do manifesto merecem destaque. Por duas vezes, a ideia de racionalidade é mencionada referindo-se, claro, à instauração de um novo regime, aquele que asseguraria todos os direitos aos cidadãos. Nesse sentido, acusam Gaspar Silveira Martins de ser um homem cujo espírito abdicou das faculdades do raciocínio, assim como também indagam que a sua legitimidade como líder político não possui uma consistência racional. A concepção de que a república representaria a transformação radical da sociedade é também muito comum nos excertos políticos desse período. A monarquia, nesse sentido, é caracterizada através da imagem de um castelo feudal, de uma sociedade movida por fetiches e pela irracionalidade. Por outro lado, a república representava uma sociedade onde os direitos seriam respeitados, onde a legitimidade de um governo era calcada na razão. A utilização de metáforas que remetem a uma oposição entre o mundo feudal, descrito como atrasado, e o regime republicano expressa-se também através de uma série de artigos publicados no jornal *O Patriota* que narram as principais etapas da Revolução Francesa de 1789. Vale destacar que, nesses artigos, publicados em diversas partes, a instauração de uma república na França é sempre enaltecida, ao mesmo tempo em que a sociedade do antigo regime, representado pela dinastia dos Bourbon, é duramente atacada. A escolha pela publicação semanal desses artigos, evidentemente, possuía um objetivo claro: desmoralizar o regime monárquico e legitimar o recém-instaurado governo republicano. A utilização de metáforas foi uma das principais figuras de linguagem utilizadas nesse período pelos redatores do jornal *O Patriota*. Em relação à Gaspar Silveira Martins, a última menção ao seu nome encontrada durante a análise do periódico é datada do dia 05 de dezembro de 1889, quando, através de um telegrama oficial, anuncia-se a sua deportação para a Europa a fim de se manter a ordem.

No dia 06 de dezembro foi publicado na página inicial do jornal *O Patriota* outro artigo político, escrito originalmente nas páginas do *Pátria*, de Pelotas. A análise dessa peça política tem como objetivo trazer ao leitor um tipo mais comum de publicação do periódico: os textos escritos por correligionários republicanos. Esses textos eram, em geral, escritos pelos dirigentes do jornal *A Federação*. No entanto, era também comum nesse período a comunicação entre jornais de municípios distintos. Esse contato geralmente era expresso através de telegramas enviados por redações do interior publicadas posteriormente nas páginas do *Patriota*. Os telegramas continham informações de natureza política, como notícias acerca das adesões ao novo regime. O artigo analisado abaixo se aproxima muito aos textos escritos pelos dirigentes do *Patriota*, principalmente no que tange à linguagem utilizada e claro, ao posicionamento adotado perante as transformações políticas que a província passava. Intitulado “Actualidade”, o artigo inicia da seguinte maneira:

---

A monarchia estava pendente da resolução de qualquer das classes, porque sacrificava a todas. Os aulicos investidos de um poder extraordinario excitavam no povo um vivo desejo de reação, sufocado pelas multiplas traições encastoadas nos actos officiaes todas tendentes a subtração do livre direito do voto. Aliciavam-se capangas à custa do erario público, enxovalhava-se a reputação de todos aquelles que não recebiam o negro pão do suborno, despejava-se à passadas as economias dos tempos pasados, desmembrava-se o exercito, insultava-se a armada enquanto os papões da epocha furgicavam os contratos infamantes com a aristocracia.<sup>40</sup>

Mais uma vez, reforça-se a percepção de que a transição de regimes havia sido levada a cabo pela ampla maioria da população, descrita nesse caso através do termo “povo”. Essa ação espontânea e consensual, ao menos nas palavras dos republicanos, seria o resultado das práticas injustas do regime monárquico, descrito como opressor e corrupto. As acusações de corrupção são recorrentes nos textos desse período. Nesse excerto, porém, os autores apresentam também argumentos de natureza econômica para legitimar a instauração de um novo regime. Assim, citam a resposta positiva do comércio ao novo regime. Em suma, os principais ataques à monarquia presentes no artigo estão relacionados a ausência de uma administração racional, a corrupção e também a negligência do governo imperial junto às Forças Armada. Assim, indaga-se:

Todos adherem sem precipitações para que não se duvide de que meditaram, e resolutos, inabalaveis, congregados em torno da idéa batem palmas e alegres a acariciam com amor e respeito. O commercio, essa sensitiva do universo que ao menor choque retrahe-se negaceando-se em transacções, que é a balança aferidora da estabilidade e segurança dos governos, está tão confiado na grandeza da obra que orgulha-se de operar calmamente e sem a menor contrariedade. Levantamos por hoje um sympathico viva aos cabeças do movimento pela notabilidade do grandioso plano. Viva a Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil!<sup>41</sup>

O artigo supracitado aborda os principais argumentos utilizados pelos republicanos durante o período de transição entre regimes para legitimar as ações do novo governo. As peças políticas publicadas no jornal *O Patriota*, ou em outras folhas republicanas, não só enalteciam o novo regime como também constantemente atacavam a monarquia e todos os seus representantes. Como foi visto, a figura de Gaspar Silveira Martins foi alvo de inúmeras críticas durante esse processo, tendo em vista a preocupação que o novo governo tinha em relação à força política que Martins possuía, principalmente no Rio Grande do Sul. O ataque ao líder do Partido Liberal, no entanto, não deve ser visto somente como uma “rixa” de caráter pessoal entre as lideranças políticas da província. É evidente que as desavenças entre

---

40 *O Patriota*. Porto Alegre, p.1, 6 de dez. 1889

41 Idem.

republicanos, conservadores e liberais poderiam eventualmente transformarem-se em desafetos pessoais. A análise dos periódicos republicanos, porém, nos permite sugerir que a incorporação do nome de Gaspar Silveira Martins nesse conflito discursivo e político constituiu fundamentalmente uma estratégia para desprestigiar a monarquia e a oposição ao PRR. Nesse sentido, pode-se dizer que Gaspar Silveira Martins representava um grupo de sujeitos e ideias que se opunham ao estabelecimento e a manutenção de uma nova ordem.

Os manifestos e artigos políticos acima analisados constituíam a principal maneira pelo qual os dirigentes do jornal *O Patriota* expunham as suas interpretações e posicionamentos em relação a esse período de transição na política da província. A retórica, no entanto, não era a única via para atingir os leitores do periódico. Nesse sentido, é importante citar a cobertura da campanha de adesão à república, que adquiriu muito espaço nas páginas do jornal. Essa cobertura é o objeto de análise do restante desse capítulo.

### 3.2 A CAMPANHA DE ADESÃO AO REGIME REPUBLICANO NAS PÁGINAS DO JORNAL *O PATRIOTA*

A grande adesão ao regime republicano foi, como visto anteriormente, um dos principais argumentos utilizados pelos seus defensores para legitimar o governo provisório. Em todos artigos e manifestos publicados nas páginas do jornal *O Patriota* foi reiterado o fato de que o novo governador do Rio Grande do Sul, José Antônio Correia da Câmara, tinha grande aceitação da população em geral. Nesse trabalho, é definida como campanha de adesão ao regime republicano esse movimento de apoio ao novo governador, expresso principalmente através de telegramas, publicados nas páginas dos jornais da província. Esses telegramas tinham os mais distintos remetentes. Em alguns casos, eram assinados por lideranças políticas de determinadas regiões do estado, com um caráter mais pessoal. Em outros, eram assinados de uma maneira mais genérica, representando uma instituição, como por exemplo, uma câmara de vereadores ou um núcleo de um partido político. Os jornais, ao publicarem e darem muitos espaços em suas páginas para esses telegramas, passam a fazer parte dessa campanha, que não se restringi apenas a um movimento espontâneo de adesões políticas, mas também em uma propagação desses atos. Dessa maneira, a adesão de um grupo de políticos de determinado município poderia ser publicado em jornais de todo o estado, com a intenção de fomentar a continuidade desse processo.

No que diz respeito ao jornal *O Patriota*, a análise das suas edições nos permite afirmar que essa cobertura da campanha de adesão foi um dos principais meios pelos quais seus dirigentes manifestaram o reposicionamento político e se inseriram no debate político vigente naquele momento. Essa afirmação se sustenta na medida em que a publicação desses numerosos telegramas aconteceu de maneira diária e interrupta durante as primeiras semanas da República, enquanto que os artigos e manifestos políticos, por vezes, não compunham os editoriais do jornal. Essa cobertura ocorreu de duas maneiras distintas: a primeira, já citada, se deu através da publicação dos telegramas enviados ao novo governador do estado; a segunda, e particularmente interessante para essa pesquisa, foi a cobertura das adesões por parte de núcleos dos partidos monarquistas. Nesse sentido, encontram-se telegramas e manifestos escritos por grupos de políticos liberais e conservadores expressando a adesão ao novo governo. Assim, o que estava sendo publicado através dessa segunda maneira de cobrir a campanha de adesão eram diversos processos de reposicionamento político por parte de antigos grupos monarquistas do interior do estado.

### *3.2.1 A campanha de adesão a partir dos “telegrammas” e “telegrammas officiaes”*

Principal instrumento de comunicação rápida no final do século XIX, os telegramas foram amplamente utilizados pelas redações dos jornais da província durante a transição política no país. Ainda antes da proclamação da república, já era recorrente nas páginas dos jornais sul rio-grandenses a publicação desse formato de texto. Sucintos e objetivos devido às limitações tecnológicas, eles eram encarregados de divulgar importantes notícias nas páginas do jornal *O Patriota*, principalmente as de cunho político e administrativo. Nesse sentido, foram através dessas mensagens que os jornais publicaram as primeiras notícias acerca do movimento que pôs fim ao regime monárquico. A relativa velocidade com que os telegramas chegavam em regiões mais distantes da capital do Império fez com que esse momento de transição político fosse acompanhado quase que simultaneamente pela população. Nesse sentido, os acontecimentos de determinada data geralmente não demoravam mais de dois dias para estarem estampados nas folhas dos jornais nas mais diversas regiões do Brasil. É evidente que, além dos limites tecnológicos que abarcavam o uso de telegramas, somava-se as limitações inerentes a qualquer redação de um jornal. Por exemplo, se uma mensagem fosse recebida pelos organizadores após o fechamento da redação, não seria possível que as

informações contidas nela fossem publicadas na edição do dia seguinte. Essa especificidade, no entanto, perdura até os dias atuais.

A cobertura da campanha de adesão ao regime republicano realizou-se basicamente através da publicação desse tipo de correspondência que, por sua vez, eram divididos em duas categorias: telegramas e telegramas oficiais. A diferença entre eles era basicamente o fato de que os *telegramas* representavam geralmente pessoas físicas enquanto que os *telegramas oficiais* representavam instituições vinculadas ao Estado, principalmente as câmaras de vereadores, e pessoas exercendo algum cargo oficial, como juízes de direito, delegados de polícia e membros de câmaras municipais. Alguns exemplos de telegramas enviados do Rio de Janeiro após a instauração do novo regime foram publicados nas páginas do jornal *O Patriota* ainda na primeira edição do periódico, no dia 20 de novembro de 1889: “Corre tudo na mais perfeita tranquilidade. A assembleia provincial do Rio de Janeiro deferiu juramento ao governador do Estado. Chegou adesões de todos os Estados. A cotação dos títulos é sustentada na praça”<sup>42</sup>. Esse tipo de texto, contendo informações acerca da situação política da capital do país foi recorrente nas páginas dos jornais no período analisado.

No entanto, sublinha-se que a maioria dos telegramas tinham como objetivo declarar apoio ao novo governo estadual. Assim, também na edição vinculada no dia 20 de novembro, foram publicados mensagens enviados por políticos. A seguir está transcrito o telegrama enviado ao recém-empossado governador do Rio Grande do Sul, o General Câmara, pelo governador do estado do Paraná: “Curitiba, 18. General Governador do Estado do Rio Grande do Sul – Felicito V. Ex., congratulando-me com o povo do Estado do Rio Grande. Saudando ao florescente Estado junto meus votos pelo seu engrandecimento. O Governador do Estado do Paraná, F.J. Cardoso”<sup>43</sup>. Algumas trocas de telegramas indicam que estes funcionavam também como o principal meio pelo qual o novo governador comunicou-se com os municípios do interior e seus representantes. Nesse sentido, também eram enviados por juízes de direito ao governador:

*Pelotas 17. Ao Exm. Governador Visconde de Pelotas. – Fico sciente do telegramma de V. Ex. Communicando que por decreto de 15 do corrente foi proclamada a fôrma do governo da Nação, como Republica Federativa, constituindo as provincias os Estados Unidos do Brazil, a deposição do imperador e mais occorrencias. Pode V. Ex. Contar com a minha leal coadjuvação à nova fôrma de governo proclamada. O juiz de direito, Francisco Pessoa de Mello.*<sup>44</sup>

Além dos telegramas de caráter informativo oriundos da capital do país, dos telegramas enviados por autoridades de outros estados e das comunicações entre o governador

---

42 *O Patriota*. Porto Alegre, p. 1, 20 nov. 1889.

43 Idem.

44 Idem.

e os juizes de direito de diversos municípios, também eram publicados mensagens enviados pelas câmaras de vereadores de todo o interior do estado. Publicadas diariamente, elas tinham como objetivo expressar a adesão dos membros de determinada câmara ao novo regime e eram, em geral, textos muito sucintos. Somente nas dezesseis edições analisadas nesse trabalho, aproximadamente oitenta correspondências telegráficas desse tipo foram publicadas nas páginas do jornal *O Patriota*.

Pode-se afirmar, nesse sentido, que a publicação dessas mensagens constituíam o eixo central da cobertura de adesão ao novo regime. A quantidade de telegramas desse tipo enviadas ao novo governador era tão grande, que os próprios grupos da oposição reconheceram essas mensagens como a principal evidência para a legitimação do novo governo. Inclusive, foi esse um dos argumentos utilizados pelos dirigentes do Partido Liberal ao iniciarem o seu artigo publicado no jornal *A Reforma* no dia 23 de novembro e que foi parcialmente transcrito no capítulo interior. O que os jornais de todo estado fizeram ao publicar diariamente uma grande quantidade de mensagens desse caráter foi criar uma sensação de consenso tão grande junto à população que até os grupos contrários à instauração do novo governo não poderiam contestar a legitimidade do governador Visconde de Pelotas. Dessa forma, enfraqueciam qualquer possibilidade de uma reação imediata dentro do estado, principalmente vinda de dirigentes do Partido Liberal.

A seguir, foram transcritos alguns exemplos dos telegramas adesistas. O primeiro exemplo foi publicado no dia 22 de novembro e representa um dos tipos mais recorrentes, enviado em nome de uma câmara adesista: “Cruz Alta, 22. Governador do Estado – A camara municipal d'esta cidade, em sessão solemne presentes o juiz municipal, empregados civis e muito povo, com entusiasmo proclamaram o governo dos Estados Unidos do Brazil.”<sup>45</sup> Na mesma edição, outra mensagem publicada era assinada em nome da associação comercial da cidade de Jaguarão:

Exm governador visconde de Pelotas. - A directoria da Associação Comercial d'esta cidade, representada por nacionaes e estrangeiros, extatica ante o grandioso acontecimento que constituiu gloriosamente o Brazil em Republica Federtiva, resolveu, em sessão extraordinaria, saudar jubilosa o governo da nação representado dignamente por V. Ex. N'esse Estado. Viva os Estados Unidos do Brazil! Viva o progresso! Presidente, Augusto Leivas; vice- presidente, Joaquim José da Cunha; secretario, José Joaquim Condessa; Antonio Cerqueira, Domingos Rache, Avelino P. Seabra, Eduardo Levy, Satyro Marques, Pompilio Oliveira.<sup>46</sup>

---

45 *O Patriota*. Porto Alegre, p. 1, 22 de nov. 1889

46 Idem.

A transcrição desses telegramas busca exemplificar a maneira como eles eram publicados nas páginas do jornal *O Patriota*. Como foi dito, a difusão dessas mensagens de apoio ao novo governo geraram grande repercussão naquele período. Devido à grande quantidade de telegramas com o mesmo caráter publicados naquele momento de transição política, pode-se afirmar que essas publicações constituíram um dos principais meios pelo qual os dirigentes do jornal expressaram seu posicionamento em meio ao debate político vigente na época. Dentro da cobertura dessa campanha de adesão, essas correspondências eram apenas uma parte dessa ação. A outra maneira de acompanhar e difundir esse processo era através da publicação das adesões dos núcleos dos partidos políticos monarquistas da província. Essas adesões são analisadas nas próximas páginas.

### 3.2.2 *A adesão dos monarquistas nas páginas do jornal “O Patriota”*

Tendo em vista que o presente trabalho aborda justamente o processo de adesão à república por parte de um grupo de políticos vinculados a um antigo partido monarquista, analisar como essas adesões foram vinculadas nas páginas do jornal *O Patriota* torna-se uma tarefa essencial. Como visto anteriormente, os dirigentes do periódico utilizaram de diversos meios para transpor aos leitores seu novo posicionamento. Assim, esses sujeitos buscaram se inserir nos debates vigentes no período através da publicação de peças políticas de suas autorias, publicação de artigos e manifestos escritos por outros grupos políticos e pela cobertura da campanha de adesão ao regime republicano. Essa cobertura, que tinha como eixo principal a publicação de telegramas oriundos de diversos municípios do estado, também contou com a publicação de textos ou telegramas que expressavam a adesão de antigos núcleos monarquistas ao novo regime. Assim, o jornal *O Patriota* retratava em suas páginas o movimento de diversos grupos políticos que passavam pelo mesmo processo de reposicionamento. Esse momento da história do Rio Grande do Sul foi marcado por uma grande instabilidade política. Acerca dessas adesões, a historiadora Cláudia Mauch afirma:

As crises políticas que se seguiram à proclamação da República no Rio Grande do Sul estão ligadas à polarização político-ideológica entre os ex-liberais liderados por Gaspar Silveira Martins e os republicanos de orientação positivista pertencentes ao PRR. A república colocou no governo o PRR, que logo contou com a adesão de membros do Partido Conservador e fechou suas portas para o Partido Liberal. Ao final do Império, os liberais tinham alcançado a posição de maior força política da província, enquanto os republicanos, embora muito bem organizados, eram um grupo restrito.<sup>47</sup>

---

47 MAUCH, Cláudia. **Ordem Pública e Moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890**. Santa Cruz: EDUNISC, 2004. p. 42.

A proclamação da República, como expresso na escrita de Mauch, transformou a configuração dos grupos políticos no estado. Nesse sentido, ex-conservadores aderem em grande maioria ao novo regime, enquanto que os liberais ficaram isolado e mais distantes do poder. Isso porque, apenas representantes do PRR foram eleitos nas eleições para a constituinte estadual, que aprovaria, em 14 de julho de 1891, a constituição elaborada pelo líder republicano Júlio de Castilhos. Essa reorganização das forças políticas descrita por Mauch é característica do período imediato à proclamação da república. Em 1892, as vésperas da Revolução Federalista, essa configuração já teria sido transformada novamente, principalmente em função da volta de Gaspar Silveira Martins do exílio e da fundação, por ele, do Partido Federalista, que congregaria políticos de diversas correntes em um único grupo de oposição ao governo de Júlio de Castilhos. Esse trabalho, no entanto, tem como delimitação temporal justamente o período descrito por Mauch, anterior à fundação do Partido Federalista e do acirramento dos conflitos entre os dois grupos antagônicos da política sul-riograndense.

Dessa forma, a análise das edições do jornal *O Patriota* no alvorecer da república nos permite fazer alguns apontamentos acerca desse movimento de adesões. Em primeiro lugar, a adesão em massa de ex-conservadores ao regime republicano é evidente. Deve-se tomar o cuidado, no entanto, de realizar a análise da fonte de uma maneira crítica. Para isso, é preciso ter em mente que o fato de os dirigentes do jornal terem pertencido ao Partido Conservador pode ter influenciado na seleção de textos e telegramas a serem publicados em seu periódico. Assim, a grande maioria das adesões monarquistas expressas no periódico são de ex-conservadores. No entanto, como afirma Mauch, existiu uma predisposição muito maior por parte desse grupo para a adesão ao novo regime, enquanto que os liberais constituíram, desde o período inicial da república, um grupo de oposição ao PRR. Assim, essa maior adesão de ex-conservadores não necessariamente é resultado do posicionamento dos dirigentes do jornal, mas sim de um movimento de adesão que foi de fato mais representativo no lado conservador do que liberal. Acerca dessa diferença, a própria análise dos posicionamentos adotados pelos órgãos oficiais dos partidos na imprensa nos ajuda a perceber a assimetria existente: se por um lado o jornal *O Conservador* seria transformado em *O Patriota*, o jornal *A Reforma* continuaria sendo o principal meio pelo qual os grupos da oposição expressariam suas ideias e críticas ao governo do PRR.

A cobertura da campanha de adesão por parte dos antigos partidos monarquistas revela também a adesão de núcleos do Partido Liberal no interior do estado. Dessa maneira, pode-se afirmar que não havia um consenso entre os partidários de Gaspar Silveira Martins no que

---

tange à instauração de um regime republicano e também à nomeação do General Câmara como governador do estado. Apesar de reconhecer a legitimidade do novo governo desde o seu início, o discurso oficial do antigo Partido Liberal sempre foi de oposição ao governo do PRR. O maior esforço dos dirigentes liberais no alvorecer da república foi tentar evitar que a instabilidade política resultasse na eclosão de um conflito violento. A opção por uma oposição apenas política e por meios institucionais se enfraqueceu após a proclamação da constituição estadual em 1891, que representava a consolidação do poder por parte do PRR.

Entretanto, pela análise dos editoriais do jornal, pode-se afirmar que desde o período inicial da República núcleos do antigo Partido Liberal já demonstravam uma adesão franca ao novo regime e apoio ao governador Visconde de Pelotas, não participando de nenhum tipo de oposição. Assim, foram transcritas a seguir algumas mensagens publicadas no jornal enviadas por ex-liberais e ex-conservadores. O primeiro telegrama desse tipo foi publicado na edição do dia 26 de novembro: “Rio Grande, 23. O partido conservador uniu-se ao partido republicana e aceita a direcção política da comissão executiva. A comissão executiva”<sup>48</sup>. No dia 28 de novembro foi publicado um telegrama com uma peculiaridade, tendo em vista que nele estava expressa a adesão por parte dos antigos partidos monarquistas de Bagé, sem haver distinção entre eles. Assim, o telegrama informava o seguinte:

Bagé, 25 de Novembro. Exm. Sr. Marechal visconde de Pelotas. – Os membros dos antigos partidos monarchicos d'esta cidade e seu termo, reunidos hoje, ao meio-dia, na camara municipal, têm a honra de levar ao conhecimento de V. Ex. Por intermedio da commissão abaixo assignada, que adherem sincera, franca e abertamente à nova fôrma de governo da nação brasileira: republica federativa dos Estados Unidos do Brazil. Confiando na lealdade com que o governo provisorio e seu illustre delegado d'este Estado declaram, como sua principal missão, garantir a todos a liberdade e a ordem, bem como o exercicio dos direitos individuais e politicos. Viva a Republica federativa! Viva o Estado do Rio Grande do Sul! Dr. J.F.F Azevedo Penna, José Facundo da Silva Tavares, Alexandre José Collares, Saturnino Epaminondas de Arruda.<sup>49</sup>

O telegrama transcrito acima foi o único publicado nas edições analisadas que foi enviado em nome dos dois antigos partidos monarquistas. O restante das mensagens foram enviadas apenas por dirigentes de núcleos de cada partido. O conteúdo dos telegramas, no entanto, não difere do acima citado. Um exemplo é o telegrama publicado no dia 4 de dezembro, enviado por membros do antigo Partido Liberal do município de Santa Victoria do Palmar: “Rio Grande, 30 de Novembro. Os chefes liberaes de Santa Victoria do Palmar resolveram por unanimidade apoiar abertamente o governo provisório. Aceitando a direcção

48 **O Patriota**. Porto Alegre, p. 2, 26 de nov. 1889

49 **O Patriota**. Porto Alegre, p. 2, 28 de nov. 1889.

da comissão executiva do partido republicano d'este Estado.” Além dos telegramas, algumas adesões ganhariam destaque nas páginas do *Patriota*, sendo acompanhadas de notas escritas por seus dirigentes. Esse é o caso do manifesto publicado originalmente no jornal *A Federação*, e transcrito pelos dirigentes do jornal *O Patriota* na edição publicada no dia 29 de novembro. Escrito por Antonio de Azambuja Villanova Filho, chefe do partido conservador de São Sebastião Martyr, o manifesto intitulado “Aos meus amigos politicos de S. Sebastião Martyr” expressava os argumentos de um ex-conservador para a sua adesão ao regime republicano, e foi assim apresentado pelos redatores do jornal: “Da Federação de hontem transcrevemos o seguinte manifesto: Damos publicidade ao seguinte documento, em que o cidadão Antonio de Azambuja Villanova Filho define a sua posição em face da transformação por que acaba de passar a nossa Patria”. No dia 2 de dezembro, o jornal publicou outra mensagem de adesão ao regime republicano enviada pelos dirigentes do partido conservador de São João de Montenegro. Intitulado “Adhesões”, a mensagem informava:

O brioso partido conservador de S. João do Monte-Negro, tendo à frente seu honrado chefe Portifirio das Chagas Cidade, dirigiu ao ilustre cidadão Dr. Paulinio Chaves o seguinte manifesto adherindo franca e lealmente ao patriotico governo Provisorio: Os abaixo-assignados, residentes no municipio de Montenegro, aplaudindo a attitude calma e digna de um povo livre como é o brasileiro, vem por meio d'este, declarar que, regorgitando de jubilo, prestam sua adhesão ao patriotico Governo Provisorio dos Estados Unidos do Brazil, certos de que empregará todos os esforços para a prosperidade e engrandecimento da patria. Viva os Estados Unidos do Brazil! Viva o Governo Provisorio! Viva o Governador do Rio Grande do Sul! Montenegro, 20 de Novembro de 1889<sup>50</sup>

Os manifestos, artigos e textos políticos somado aos telegramas e mensagens de adesão ao regime republicano citados nesse capítulo mostram como os dirigentes do jornal *O Patriota* deixaram transparecer aos seus leitores seu posicionamento naquela conjuntura de transição entre regimes políticos. A análise das edições do jornal nesse período nos permite afirmar que o periódico não atuou apenas como um veículo de difusão de notícias acerca dos eventos históricos em andamento no final de 1889, mas também buscou se inserir nos debates políticos correntes na época. Nesse sentido, a ação dos dirigentes do jornal transformou *O Patriota* também em uma ferramenta de agência histórica, que assim como outros tantos veículos da imprensa, buscava moldar a opinião pública e influenciar seus leitores. Os textos analisados explanam que a adesão ao regime republicano por parte dos membros do Partido Conservador de Porto Alegre foi significativa, e a criação de um novo jornal demonstra um dos principais meios pelo qual esse reposicionamento se deu.

---

50 *O Patriota*. Porto Alegre, p.1, 2 de dez. 1889.

Por fim, também é possível, através dessas análises, apontar as principais estratégias e recursos e utilizados pelos dirigentes do *Patriota* como forma de expressar seu reposicionamento. Primeiro, a publicação de manifestos políticos que apoiavam e justificavam as ações do governo provisório, bem como atacavam e deslegitimavam qualquer forma de oposição, principalmente em relação à atuação de políticos liberais. A segunda maneira foi através de uma intensa cobertura da campanha de adesão ao novo regime. Por fim, pode-se afirmar que essa inserção dos ex-conservadores nas discussões acerca dos rumos a serem tomados dentro da província evidencia como a direção de um jornal naquele período era um instrumento imprescindível para atuação no meio político.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho iniciou-se a partir da descoberta de uma fonte histórica, o jornal *O Patriota*, e no interesse em conhecer os motivos que levaram a criação de um jornal em Porto Alegre cinco dias após a proclamação da República no Brasil. A partir desse questionamento inicial, o periódico deixou de ser apenas uma fonte histórica, convertendo-se em objeto intelectual da pesquisa. Uma investigação incipiente constatou que o jornal tinha como antecessor o periódico monarquista intitulado *O Conservador*, e que os responsáveis por sua criação eram antigos dirigentes do Partido Conservador da capital. O interesse por esse veículo da imprensa aumentou na medida em que se verificou que essa documentação havia sido pouco explorada pela bibliografia acerca desse período. Assim, compreender como se deu o processo de transição entre os dois jornais passou a ser o principal objetivo dessa investigação histórica.

A análise da bibliografia que aborda a apropriação da imprensa como fonte histórica e objeto de pesquisa foi uma parte fundamental desse trabalho. A partir das contribuições de diversos autores que refletiram acerca da metodologia necessária para lidar com essa documentação, foi possível estabelecer uma série de indagações necessárias em relação à fonte, bem como a definição de etapas para a investigação. Nesse sentido, constatou-se a necessidade de apropriar-se do contexto histórico em que o jornal *O Patriota* foi produzido, principalmente no que tange às especificidades do jornalismo político-partidário, que predominou no estado durante o final do séc. XIX e início do séc. XX. Também foi essencial a realização de um estudo com a finalidade de compreender a conjuntura política daquela sociedade e como estavam dispostas as forças políticas no período da criação do jornal. Assim, constatou-se que a atuação do periódico esteve inserida em um contexto no qual o jornalismo tinha como principal característica a vinculação ou aproximação aos partidos. Os órgãos da imprensa buscavam, nesse sentido, influenciar a opinião pública através de artigos e manifestos escritos por seus dirigentes, que eram em sua maioria militantes. Ressaltou-se, nesse momento da redação, que o ofício de jornalista não era visto sob uma perspectiva profissional, mas consistia uma extensão da atividade política. Essas características tornam uma parcela dos periódicos daquele período fontes primordiais para se analisar o discurso político vigente no Rio Grande do Sul no alvorecer da república.

A análise de discurso realizada nas edições do jornal, em conjunto com as pesquisas em outras documentações do período possibilitam algumas considerações finais acerca do processo de criação do jornal *O Patriota*: 1. Esteve vinculado a um outro processo de reposicionamento político envolvendo dirigentes do Partido Conservador de Porto Alegre, cujas principais características foram a franca adesão ao regime republicano e o apoio incondicional ao governo provisório instaurado no estado. 2. A redação e publicação do jornal foram os principais meios pelo qual esses políticos expressaram o seu posicionamento durante

o processo de transição política na província. Para isso, foi necessário desvincular suas imagens e principalmente a imagem do jornal do regime monárquico, o que resultou na fundação de um veículo com uma nova apresentação, sem que houvesse alteração dos seus dirigentes. 3. A atuação do jornal *O Patriota* se deu principalmente a partir da publicação de artigos e manifestos políticos que buscavam legitimar o governo provisório na província como também na capital do país, assim como enfraquecer a oposição ao PRR. Para isso, atacou-se principalmente a figura de Gaspar Silveira Martins, líder dos liberais na província. A cobertura da campanha de adesão ao regime republicano no estado também foi um recurso utilizado pelos seus organizadores. Essa campanha foi apresentada de duas maneiras. Primeiro, através da publicação de telegramas enviados de diversos municípios para o recém-empossado governador General Câmara, pelos quais diversos representantes políticos e de instituições públicas expressavam apoio e lealdade ao novo governo. Segundo, através da publicação de telegramas e artigos que manifestavam a adesão por parte de antigos núcleos de partidos monarquistas, principalmente conservadores.

As indagações aqui apresentadas são o resultado final dessa investigação que explorou uma fonte histórica com muitas potencialidades. O jornal *O Patriota* consiste no principal registro da ação de membros do antigo Partido Conservador no alvorecer da República. Esse grupo, apesar de não ter desempenhado um papel de protagonismo nos debates vigentes naquele período, buscou se inserir na nova reorganização de forças políticas resultante da instauração do novo regime. Nesse sentido, a apropriação desse periódico como objeto de pesquisa é fundamental na medida em que possibilita novas contribuições historiográficas referentes a esse período da história local.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALVES, Francisco das Neves. O Discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895). 1998. 171. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS

CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa e história do Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Populismo na Imprensa: UH e NP. In: MELO, José Marques de (coord.) Populismo e Comunicação. São Paulo: Editora Cortez, 1981.

COSTA, Emília Viotti da. Da monarquia à república: momentos decisivos. 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DILLENBURG, Sérgio Roberto. A Imprensa em Porto Alegre de 1845 a 1870. Porto Alegre: Editora Sulina, 1987.

ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: O jornal e a pesquisa histórica. Anos 90, Porto Alegre, v.19, n. 36. p. 67-90, dez. 2012

FÉLIX, Loiva Otero. Coronelismo, borgismo e cooptação política. 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1996.

GONÇALVES, Dilza Porto. A Instrução pública e a Escola Normal nos debates político-partidários em Porto Alegre (1869-1889). XXVII Simpósio Nacional de História, Anpuh, julho 2013.

GREGOLIN, Maria do Rosário. A análise do discurso: conceitos e aplicações. In: Alfa, São Paulo, 39: 13-21, 1995.

GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto; NEUMANN, Eduardo Santos (orgs.). Capítulos da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HOHLFELD, Antonio. A imprensa sul-rio-grandense entre 1870 e 1930. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Porto Alegre: PUCRS.

KÜHN, Fábio. Breve história do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.

LOVE, Joseph. O Regionalismo Gaúcho e as Origens da Revolução de 1930. São Paulo: Perspectiva, 1975.

MAUCH, Cláudia. Ordem Pública e Moralidade: imprensa e policiamento urbano em Porto Alegre na década de 1890. Santa Cruz: EDUNISC, 2004.

RÜDIGER, Francisco. Tendências do Jornalismo. 3.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

SILVA, Jandira; CLEMENTE, Elvo; BARBOSA, Eni. Breve histórico da Imprensa Sul-rio-grandense. Porto Alegre: CORAG, 1986.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1998.

TRINDADE, Hélió. NOLL, Maria Izabel. Os 170 anos do Parlamento Gaúcho: subsídios para a história do Parlamento Gaúcho. v.3. Porto Alegre: CORAG, 2005.

WITT, Marcos Antonio. Política e magistratura no Brasil Imperial: O litoral norte do Rio Grande do Sul como um estudo de caso. Disponível em: <[https://www.tjrs.jus.br/export/poder\\_judiciario/historia/memorial\\_do\\_poder\\_judiciario/memorial\\_judiciario\\_gaucha/revista\\_justica\\_e\\_historia/issn\\_1676-5834/v2n3/doc/11-Marcos\\_Witt.pdf](https://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/memorial_do_poder_judiciario/memorial_judiciario_gaucha/revista_justica_e_historia/issn_1676-5834/v2n3/doc/11-Marcos_Witt.pdf)>

#### **OUTRAS FONTES CONSULTADAS**

AZAMBUJA, Graciano de. Anuário da Província do Rio Grande do Sul, 1885, p.190.  
Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=706124&pagfis=191&pesq&url=http%3A%2F%2Fmemoria.bn.br%2Fdocreader#>>

Nominata Histórica de Desembargadores do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: [http://www.tjrs.jus.br/export/poder\\_judiciario/historia/nominata\\_historica\\_de\\_desembargadores/doc/nominata\\_des\\_atualizada.pdf](http://www.tjrs.jus.br/export/poder_judiciario/historia/nominata_historica_de_desembargadores/doc/nominata_des_atualizada.pdf)

Informações das Mesas Diretoras da Assembleia Legislativa da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Disponível em: [http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Mesa\\_Diretora\\_1/tabid/3678/language/pt-BR/Default.aspx](http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Mesa_Diretora_1/tabid/3678/language/pt-BR/Default.aspx)